

UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS
CAMPUS DO SERTÃO
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM HISTÓRIA

JOSIELDA DE CRISTO SILVA

**Entre carretéis e cachimbos: notas sobre mulheres no Jornal Correio
de Pedra (1918-1930)**

Delmiro Gouveia- AL

2021

JOSIELDA DE CRISTO SILVA

Entre carretéis e cachimbos: notas sobre mulheres no Jornal Correio de Pedra (1918-1930)

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito parcial para obtenção do título de licenciada em História, pela Universidade Federal de Alagoas/Campus do Sertão.

Orientadora: Profa. Ma. Sheyla Farias Silva

Delmiro Gouveia- AL

2021

Catálogo na fonte
Universidade Federal de Alagoas
Biblioteca do Campus Sertão
Sede Delmiro Gouveia

Bibliotecária responsável: Sâmela Rouse de Brito Silva CRB-4/22063

S586e Silva, Josiêlda de Cristo

Entre carretéis e cachimbos: notas sobre mulheres no Jornal
Correio de Pedra (1918-1930) / Josiêlda de Cristo Silva. – 2020.
45 f. : il.

Orientação: Sheyla Farias Silva.
Monografia (Licenciatura em História) – Universidade
Federal de Alagoas. Curso de História. Delmiro Gouveia, 2021.

1. Mulheres. 2. Representação feminina. 3. Vilas Operárias. I. Título.

CDU: 981.35(813.5)

JOSIELDA DE CRISTO SILVA

Entre carretéis e cachimbos: notas sobre mulheres no Jornal Correio de Pedra (1918-1930)

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito parcial para obtenção do título de licenciada em História, pela Universidade Federal de Alagoas/Campus do Sertão e aprovado em 01 de março de 2021.

Banca Examinadora:

Sheyla Farias Silva

Profa. Ma. Sheyla Farias Silva (Orientadora)

Edvaldo Francisco do Nascimento

Prof. Dr. Edvaldo Francisco do Nascimento (SEDUC/AL e SEMED/Delmiro Gouveia)

Maria Elielma Silva

Profa. Maria Elielma Silva

Dedico esse trabalho a minha avó Maria do Socorro (in memoriam), que sempre me incentivou e acreditou no meu potencial, foi o meu maior exemplo de amor e respeito ao próximo. Sinto sua falta.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente agradeço a Deus por ser o meu melhor amigo e caminhar comigo nessa jornada de crescimento que foi a Universidade. Agradeço aos meus pais, Joel e Zelda, e meus irmãos, Joelson e Janiele, por apoiar os meus sonhos e por suportar pacientemente todas as crises oriundas desse processo de formação.

Agradeço a minha orientadora Sheyla Farias por aceitar conduzir o meu trabalho, como também por toda a dedicação e paciência para comigo, sou grata também por todos os professores do curso de História que me auxiliaram nessa jornada, especialmente o prof. Pedro Abelardo de Santana que me aceitou como sua estagiária e por todo apoio e sabedoria que me transmitiu como também sou grata pelos meus colegas de estágio Joyce e Victor que compartilharam esses momentos de conhecimento comigo.

Agradeço aos meus colegas de turma, especialmente Andréia, Gustavo, Jaqueline e Simone por se fazerem meus amigos e estarem presentes nas minhas conquistas e frustrações dentro da universidade e por se fazerem presentes fora dela também.

Agradeço aos meus companheiros de PIBID e do Programa Residência Pedagógica, e todos os amigos que conheci nessa jornada de graduação e que compartilharam momentos incríveis comigo, tanto em eventos no nosso próprio campus, como em eventos em outras cidades, especialmente Wellison e Mariana por me acolherem tão bem.

E por fim, mas não menos importante agradeço as minhas amigas que me apoiaram, foram compreensíveis comigo todas as vezes que desaparecia, por estar ocupada com a universidade, e que também me acolheram sempre que precisei desabafar fora do contexto universitário, Airla, Aninha, Brenda, Jéssica, Juliane, Lanne e Mariana Nathalia.

Obrigada a todos!

Resumo

Por muito tempo, as mulheres foram vistas como inferiores aos homens, silenciadas e deixadas de lado pela historiografia, existindo pouquíssimos relatos da vida dessas mulheres, aparecendo apenas como filhas, irmãs ou esposas. É neste contexto que esta pesquisa se volta para a Vila Operária da Pedra, localizada no sertão alagoano, como o objetivo de analisar como se dava a representação das mulheres do núcleo fabril Pedra no periódico que circulou semanalmente entre 1918 a 1930. A metodologia utilizada foi a pesquisa descritiva, utilizando uma pesquisa documental no Jornal Correio da Pedra, buscando assim realizar uma análise qualitativa a partir dos artigos que fizessem referências diretas ou indiretas sobre as mulheres presentes na vila operária. Resultando assim, na representação das mulheres como o sexo frágil, de emoções voláteis e facilmente manipuladas. Concluindo-se que a situação feminina apresentada na Vila Operária Pedra não se diferenciava das situações encontradas no sertão e nas fábricas situadas nas regiões interioranas, sendo essas colocadas e representadas em lugares femininos estereotipados pela sociedade.

Palavras-Chaves: Mulheres; Representação feminina; Vilas Operárias.

Abstract

For a long time, women were seen as inferior to men, silenced and left aside by historiography, with very few reports of the lives of these women, appearing only as daughters, sisters or wives. It is in this context that this research turns to Vila Operária da Pedra, located in the backlands of Alagoas, with the objective of analyzing how the representation of women from the Pedra factory nucleus took place in the journal that circulated weekly between 1918 and 1930. The methodology descriptive research, using documentary research in the Correio da Pedra newspaper, thus seeking to carry out a qualitative analysis based on articles that made direct or indirect references about the women present in the workers' village. Thus, resulting in the representation of women as the weaker sex, of volatile and easily manipulated emotions. In conclusion, the female situation presented in Vila Operária Pedra was not different from the situations found in the hinterland and in the factories located in the interior regions, these being placed and represented in female places stereotyped by society.

Keywords: Women; Female Representation; Workers' Villages.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	10
2 MULHERES ENTRE OS SÉCULOS XIX E XX.....	13
3 PEDRA, A TRAJETÓRIA DO POVOADO.....	20
4 MULHERES EM PEDRA	31
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	41
REFERÊNCIAS	43

1 INTRODUÇÃO

Por muito tempo, a história das mulheres foi silenciada, deixada de lado na historiografia sobre a humanidade, como se elas fossem invisíveis, estando constantemente silenciadas pelos padrões impostos pela sociedade, no qual as colocavam no papel inferior ao comparado com o papel masculino. Essa forma de tratar as mulheres era embasada em várias presunções que viam desde as crenças religiosas até as teorias científicas, na qual determinava que as mulheres deveriam viver em função das vontades masculinas, como se pertencesse a eles.

A partir dos ideais iluministas e da Revolução Francesa, fica cada vez mais claro a luta das mulheres por igualdade, começando a ocupar lugares públicos perante a sociedade, seja isso, tanto devido a ascensão da burguesia, como também ao sistema capitalista industrial que visava a utilização de mais mão de obra, constituindo a mão de obra feminina nesta época uma mão de obra disponível e barata. Embora exista a consciência que antes do século XIX muitas mulheres já exerciam formas de trabalho, foi a partir desta época que se observa a grande massa feminina sair da invisibilidade, e serem vistas como trabalhadoras, principalmente operárias.

É com a ideia de problematizar a importância da inclusão das mulheres na historiografia, que esta pesquisa se volta para a Vila Operária da Pedra, localizada no sertão alagoano, através da constatação da existência de mulheres presentes na formação desta comunidade e com a percepção do fato que ao se falar da Vila Operária Pedra pouco se fala sobre essas figuras femininas, já que sua historiografia é quase totalmente voltada para a figura de Delmiro Gouveia, o industrial responsável por idealizar esse projeto.

Para conseguir dá visibilidade as mulheres operárias no Povoado Pedra realizamos pesquisas no periódico Correio da Pedra, que circulou entre outubro de 1918 a abril de 1930 no Povoado Pedra, com o objetivo de analisar como essas mulheres estavam representadas socialmente neste período. Primeiramente através de entender qual o papel ocupado pelas mulheres no início do século XX e as características que formavam o ambiente existente na Vila da Pedra também na primeira metade do século XX, e assim visando conseguir analisar a forma que as mulheres desta vila operária foram representadas no periódico Correio da Pedra.

A utilização dos jornais como fonte de pesquisa vem se tornando algo cada vez mais comum, já que os jornais não só testemunham, registram e veiculam nossa história, mas são

parte intrínseca da formação do país.¹ Porém para se trabalhar com esse instrumento é necessário que o historiador mantenha algumas reservas, como se pode observar a partir de Leite (2015):

Ao elaborar um trabalho utilizando a imprensa como fonte e objeto de pesquisa, assim como qualquer outra fonte, o historiador deve em um primeiro momento, estabelecer uma postura crítica frente ao documento jornalístico. Reconhecer seus limites, problemas e historicidade, é pensar o jornal como um produto resultado de conflitos e interesses no interior de uma sociedade, manipulando e produzindo dentro de forças conflitantes, sujeito a interferências internas e externas, regulado por leis e regras de conduta, produzido por um grupo de pessoas para um estabelecimento público, em uma situação específica, em um determinado lugar e época, separados ou conectados ao movimento geral, o que faz de cada órgão de imprensa ter características e peculiaridade próprias. (LEITE, 2015, p. 11).

Ou seja, fez-se necessário analisar as especificidades do documento utilizado, neste caso, o periódico *Correio da Pedra*, considerando que ele é um jornal de cunho republicano, sediado em uma pequena vila operária, mas que não pode ser caracterizado como um jornal operário, já que este não levanta discursões sobre os ideais e as necessidades da população operária. Além disso, mesmo o jornal discutindo os acontecimentos da Vila Operária Pedra, ele traz várias informações de outras localidades, ligando assim, Pedra com outras regiões.

Especificamente essa pesquisa nestes periódicos só foi possível ser realizada pelo fato de ter utilizado a *Coleção de Jornais Correio da Pedra*², contudo essa coleção possui algumas lacunas entre os exemplares, principalmente entre 1918 a 1921, no qual sobraram pouquíssimos exemplares que se encontravam praticamente ilegíveis devido as ações do tempo. Situação decisiva para que a pesquisa ocorresse, na sua grande maioria, entre os periódicos de 1922 a 1930, os quais ainda possuíam algumas partes ilegíveis.

A metodologia utilizada neste trabalho foi a pesquisa descritiva, por meio de uma pesquisa documental, no caso no periódico *Correio da Pedra*, com uma análise qualitativa em todos artigos presentes que fizessem referências diretas ou indiretas sobre as mulheres presentes na vila operária nesses periódicos desde 1922 a 1930, na qual consistia em identificar os elementos básicos de cada artigo, como título, subtítulo, datas de publicação, autor e o assunto abordado. Buscando assim compreender para quem o artigo foi escrito e com qual objetivo.

¹ Martins; Luca, 2008, p. 08 *apud* Leite, 2015, p. 03.

² *Coleção de Jornais Correio da Pedra* foi editada pelo Governo de Alagoas em parceria com IHGAL (2008), e teve as contribuições do pesquisador Edvaldo Nascimento e da professora Luitigarde Oliveira Cavalcanti Barros.

Esse trabalho foi dividido em três capítulos, Mulheres entre os séculos XIX e XX; Pedra, a trajetória do povoado e Mulheres em Pedra. O primeiro capítulo trata-se de uma discussão bibliográfica acerca da situação feminina entre o final do século XIX e o início do século XX, tendo como objetivo esclarecer como ocorria a representação feminina nesta época e qual o seu papel na sociedade. O segundo capítulo delimita o local estudado, apresentando a Vila Operária Pedra e suas especificidades desde a criação do núcleo fabril até a sua emancipação, considerando as características do núcleo antes e depois da morte do industrial Delmiro Gouveia, e no terceiro capítulo foram apresentados os resultados encontrados no periódico Correio da Pedra analisando como as mulheres foram representadas através dos artigos discutidos.

2 MULHERES ENTRE OS SÉCULOS XIX E XX

A história das mulheres, assim como a história da humanidade é marcada por uma grande influência do eurocentrismo, que por muito tempo transmitia a ideia do ser masculino como centro do universo, no qual todos os outros seres haviam sido criados para o servirem, inclusive as próprias mulheres.

A religião foi um fator importante para a contribuição da ideia da mulher como um ser inferior e embora os papéis femininos representados por elas possuam diferenças, é notável que em algumas religiões as mulheres são representadas como submissas aos homens. Com a ascensão do Cristianismo a mulher possui duas principais representações, Eva e Maria. Segundo a Bíblia³, Eva cometeu o pecado original que condenou toda a humanidade ao sofrimento, e por isso o próprio Deus determinou que como castigo a mulher deveria ser dominada pelo seu marido, considerada um ser perigoso que deveria ser constantemente vigiada e controlada, sua sexualidade torna-se algo perigoso que precisa ser contida e reprimida.

Segundo os ensinamentos do Cristianismo a mulher ideal deveria se assemelhar a imagem de Maria⁴, sendo uma mulher virgem, pura e obediente que serviu as vontades do senhor Deus sem o questioná-lo, e depois de conceber o seu filho não se engrandeceu, e permaneceu humilde e obediente ao Senhor e ao seu esposo. As mulheres que não se enquadrava nesse estereótipo eram condenadas pela sociedade, chamadas de bruxas, chegando até a serem condenadas à morte durante o período da inquisição⁵.

Por muito tempo, a ciência também foi responsável por subjugar o sexo feminino, a partir da propagação da ideia de a mulher ser o sexo frágil, na qual a sua própria natureza biológica determinava o seu papel de mãe e dona do lar, como se observa a partir das ideias de Jules Michelet⁶

Jules Michelet continuava a retratar a fêmea da espécie humana como um ser ferido que perambulava pela vida, em seu popular livro sobre o amor, ele escreve enfaticamente: “A mulher carrega o fardo de uma pesada fatalidade”. Ela mostra suas feridas durante a menstruação, e as confirma nas dores do parto. “A natureza favorece o macho” Os periódicos eflúvios sanguíneos da mulher davam a Michelet

³ Livro sagrado do Cristianismo;

⁴ Segundo o Cristianismo foi a mãe de Jesus Cristo, filho de Deus;

⁵ Tribunal eclesiástico instituído pela Igreja Católica no começo do século XIII com o objetivo de investigar e julgar prováveis hereges e feiticeiros, acusados de crimes contra a fé católica;

⁶ Historiador francês do século XIX.

motivos suficientes para exclamar: “Como a natureza é severa para com uma mulher. (GAY, 1988, p. 130).

Michelle Perrot (1988) também evidenciou a existência de um discurso naturalista presente no século XIX, que insiste na ideia da existência de duas espécies humanas diferentes, a masculina e a feminina, que possuíam qualidades e aptidões distintas, cabendo aos homens a inteligência, a razão e a capacidade de tomar decisões e, enquanto isso, as mulheres cabiam serem portadoras da sensibilidade e os sentimentos. Essa ideia também é evidenciada em Hobsbawm (2013) na qual ele afirma que o papel da mulher na sociedade burguesa do século XIX “fazia da mulher a portadora primária de cultura, ou melhor, dos valores espirituais e morais, ou “mais elevados” da vida, em contraste com os valores materiais “inferiores”, e mesmo animais, representados pelos homens.” (HOBBSAWM, 2013, p. 161).

Hobsbawm (2013) ainda trata da ascensão da mulher burguesa na vida pública no século XIX, na qual ele evidencia que apesar de existir uma forte oposição masculina, em algum momento homens, na figura de pais, cedem as pressões femininas e aceitam que elas busquem lugares na vida pública, entrando nas faculdades e também no mercado de trabalho. É interessante notar que na burguesia do século XIX os homens davam preferência para o casamento com mulheres que possuíam uma boa noção cultural, ou seja, que fossem prendas e educadas para saber manter uma casa, elucidando a necessidade de serem capazes de ler e contar para administrar o dinheiro destinado aos gastos privados e também conseguirem manter conversas interessantes para distrair o marido e as possíveis visitas, portanto a busca de um bom casamento era um provável motivo para que os pais burgueses aceitassem a educação das suas filhas.

E mesmo assim, ainda ocorreram inúmeras discursões sobre a entrada das mulheres na vida pública, considerado por algumas pessoas que o fato de as mulheres estudarem muito poderia ser prejudicial a sua saúde mental e física, e que elas deveriam trabalhar apenas por um curto espaço de tempo, ou seja, enquanto fossem solteiras, para que o trabalho não atrapalhasse a sua vida doméstica e a criação dos filhos. E a profissão escolhida deveria ser uma extensão do seu “dever” como mulher, profissões na qual elas cuidavam ou ensinavam.

Entretanto, essa discursão sobre a entrada da mulher na vida profissional é destinada as mulheres de classes burguesas, as mulheres pobres entravam na vida profissional por necessidade, trabalhando desde novas e até mesmo depois do casamento para conseguir

sustentar a sua casa. Embora a industrialização seja tida como uma das principais responsáveis por colocarem as mulheres no mercado de trabalho, elas sempre exerceram funções para conseguir se sustentar e sustentar a sua família, como observa-se a partir do Scott (1991)

No período anterior à industrialização as mulheres já trabalhavam regularmente fora de casa. Mulheres casadas e solteiras vendiam produtos nos mercados, ganhavam dinheiro com o pequeno comércio ou como vendedoras ambulantes, empregavam-se como trabalhadoras ocasionais, amas ou lavadeiras, produziam olaria, seda, rendas, roupas, objetos de metal, ferragens, panos tecidos e chita em oficinas. Se o trabalho entrava em conflito com o cuidado dos filhos, as mães entregavam os seus bebês a amas de leite ou a outras pessoas que tomavam conta deles em vez de desistirem do emprego. (SCOTT, 1991, p. 447).

Mesmo a mulher já se fazendo presente no mercado de trabalho há muito tempo, é notório que a ascensão da vida capitalista industrial foi responsável por uma mudança social na qual foram criados novos postos de trabalho para as mulheres. A virada do século XIX para o século XX foi marcado por inúmeras mudanças ao redor do mundo, com o crescimento da industrialização, dos avanços tecnológicos e científicos e com as mudanças nos papéis sociais das mulheres e consequentemente dos homens, a utilização da mão de obra feminina se fez um negócio lucrativo para as indústrias, que podiam contratar funcionárias pela metade do preço que pagaria a um funcionário homem. Desouza (2000) evidencia a participação das mulheres como força de trabalho em ferrovias, telégrafos, correios, como enfermeiras, secretarias e professoras, recebendo um salário menor do que o masculino com a justificativa de não possuírem a mesma força bruta e também serem responsáveis pelos deveres domésticos o que poderia atrapalhar o seu desempenho no local do trabalho, entre eles a maternidade.

No Brasil, a virada do século ainda foi marcada pelos ideais republicanos que traziam o conceito de progresso e modernização. Contudo, embora a proclamação da república anunciasse uma grande mudança para o país inteiro esse evento aparentemente não obteve um grande impacto inicial para os brasileiros e principalmente para os moradores da área interiorana do país,

Talvez apenas o povo das ruas da capital, que a tudo assistira bestializado, no dizer de Aristides Lobo, assim como o povo pobre do interior, das vilas e capitais provinciais, intuísse que toda aquela agitação nada mudaria em suas vidas. Muitos se benzeriam, mais de uma bateria com a mão na boca, e recorrendo à sabedoria dos refrões e provérbios repetidos de geração em geração, diriam que essa tal de república não mudaria nada para quem não tem eira nem beira e anda pela vida sem ofício nem benefício. Em tempo de Murici ... cada qual cuide de si! Em todo caso, a submissão de séculos levaria a alguns a pensar que quem a boa árvore se achega, boa sombra o cobre, para continuar buscando o favor e a proteção dos poderosos de sempre, muitos deles convertidos em ardorosos republicanos depois daquela sexta feira quente de novembro. (NEVES, 2003, p. 14).

É notável que os acontecimentos de 15 de novembro de 1889 não obtiveram o impacto inicial esperado, o que se deu provavelmente pelo fato de não ocorrer uma grande mudança imediata no país, já que os governos provisórios criados na época tiveram como seus líderes personagens públicos que já ocupavam posições de liderança, não havendo assim uma grande mudança para a maioria da população. A nova constituição foi aprovada apenas em fevereiro de 1891 explicitando o caráter do novo regime:

A nova constituição de forte inspiração na carta constitucional norte-americana e cujas marcas principais eram a adoção do federalismo, a acentuação do presidencialismo, o estabelecimento de três poderes – o executivo, o legislativo e o judiciário - para o governo da República, **a separação entre a igreja e o estado e a definição do critério da alfabetização como elemento de qualificação dos que teriam direito a voto.** (NEVES, 2003, p. 36, grifo nosso).

O direito ao voto foi instituído para todos os brasileiros maiores de 21 anos, exceto para as mulheres, analfabetos, mendigos, soldados e religiosos que fossem sujeitos a obediência eclesiástica, o voto era aberto, ou seja, as pessoas votavam publicamente, o que acabou se tornando uma grande fonte de repressão, na qual muitos fazendeiros obrigavam seus funcionários a votarem em seus candidatos políticos. A implementação do voto também foi um fator determinante para a construção de escolas que combatessem o analfabetismo no Brasil, não que os fazendeiros tivessem como objetivo a educação de homens, mas sim a necessidade que eles soubessem ler e escrever o suficiente para votarem em seus candidatos.

Durante os primeiros anos da república houve muita dificuldade para conseguir construir uma identidade brasileira republicana. A separação de religião e política foi um dos fatores mais conflitantes da época, chegando a protagonizar algumas revoltas de caráter messiânicos, como a Revolta de Canudos, na qual sertanejos buscando fugir da vida miserável, situação agravada com a nova ordem republicana e com ascensão do coronelismo, formaram sociedades com um governo próprio que não obedeciam as novas ordens e possuíam uma liderança religiosa.

Um dos ideais presentes na república era estabelecer a ideia de civilização para a sociedade brasileira, através da formação de trabalhadores submissos e economicamente produtivos. Santos (2009) afirma que a ideia estabelecida para disciplinar o proletário era fazer com que ele e sua família fossem implementados nos valores burgueses e para isso era necessário criar um modelo imaginário de mulheres que estivessem voltadas para a intimidade do lar e para o cuidado especial com a infância. Criando o seguinte perfil de mulheres na República Velha:

Mulheres casadas ganhavam uma nova função: Contribuir para o projeto familiar de mobilidade social através de sua postura nos salões como anfitriãs e na vida cotidiana, em geral, como esposas modelares e boas mães. Cada vez mais é reforçada a ideia de que ser mulher é ser quase integralmente mãe dedicada e atenciosa, um ideal que só pode ser plenamente atingido dentro da esfera da família “burguesa e higienizada”. (D’INCAO, 2009, p. 229).

Ou seja, o papel da mulher na Primeira República é determinado a partir dos ideais higienistas que visava garantir a saúde psicológica e física dos filhos, e no caso das famílias populares buscava garantir uma mão de obra adequada e disciplinada.

O papel de mãe e esposa era dito de grande importância para a sociedade, a mulher deveria ser o fator determinante para o sucesso da sua família, responsáveis por manterem a imagem pública da família e do marido impecáveis. E embora algumas pessoas defendessem que as mulheres deveriam ter uma participação igualitária as do homem na formação da sociedade pública, esses pensamentos eram vistos como exceções, e inclusive muitos médicos foram responsáveis por contribuir com a ideia que as mulheres possuíam muitos limites físicos e uma predestinação à maternidade:

Os médicos tiveram um papel bastante grande na redefinição dos códigos da sexualidade feminina, ao buscar na própria anatomia do corpo da mulher os limites físicos, intelectuais e morais à sua integração na esfera pública. Esforçaram-se para definir a especificidade do corpo feminino em relação ao masculino, acentuando seus principais traços: fraqueza e predestinação à maternidade. Para o importante dr. Roussel, médico iluminista francês, cujas teorias tiveram ampla repercussão no mundo ocidental, na mulher “os ossos são menores e menos duros, a caixa torácica é mais estreita; a bacia mais larga impõe aos fêmures uma obliquidade que atrapalha o andar, pois os joelhos se tocam, as ancas balançam para encontrar o centro de gravidade, o andar é vacilante e inseguro, a corrida rápida é impossível às mulheres”, explica Knibiehler (1983:90). (RAGO, 2001, p. 63).

Essas ideias reforçavam que as mulheres deveriam ficar em casa, cuidando do lar e das crianças e que os maridos deveriam ser os responsáveis por prover as necessidades financeiras da sua família, as mulheres deveriam ter como objetivo seguir o modelo de Maria, puras, honestas e submissas, e se limitando a serem filhas, esposas e mães.

Entretanto, essa situação não se aplicava para todas as mulheres, como se observa em Santos (2009)

O cotidiano urbano na Primeira República revela a ocupação da esfera pública por mulheres dos estratos sociais empobrecidos. Desde meados do século XIX, quando as primeiras fábricas têxteis começaram a se estabelecer, uma nova categoria de emprego despontou para a mulher das camadas populares: a de operária. O estudo de Maria Valéria Junho Pena (1981) indica que na cidade de São Paulo, no ano de 1872, dos 10.256 operários da indústria de algodão, 9.514 eram mulheres. Para as mulheres de famílias pobres, que conviviam com a instabilidade do emprego masculino, um conjunto de ocupações relacionadas à produção de serviços domésticos estava disponível. O trabalho feminino foi incorporado, sobretudo nas atividades que anteriormente se realizava no espaço doméstico, como, por exemplo,

a fiação, a tecelagem, a produção do fumo, de chocolates e de redes. Mas, a indústria têxtil não constituiu o único reduto das operárias brasileiras, embora fosse esse setor o que mais empregava mulheres. (SANTOS, 2009, p. 14).

A situação das mulheres que trabalhavam nas fábricas brasileiras no início do século XX é marcada por inúmeras dificuldades, submetidas a receberem salários menores do que os destinados aos trabalhadores homens, cumprindo uma carga horária que variava entre 10h e 14h, e com pouquíssimas condições de higiene e além disso Rago (2009) ainda evidencia que muitas mulheres eram submetidas a assédios sexuais por companheiros de trabalho e até mesmo pelos chefes.

É nítido que a busca das mulheres por ingressarem na vida pública brasileira foi marcada por inúmeras dificuldades, independentemente da cor ou classe social, as mulheres pobres que conseguiam entrar no mercado de trabalho, além de sofrer com as péssimas condições destinadas a elas, ainda se viam muitas vezes marginalizadas pela sociedade, consideradas inferiores as outras mulheres e levianas por deixarem o seu lar e a criação dos seus filhos para trabalhar.

Vários médicos e higienistas enfatizavam os perigos que poderiam assolar a sociedade com a saída das mulheres para o trabalho, deixando de lado a criação dos filhos esses não teriam quem os ensinassem as regras morais requeridas pela sociedade, e embora eles ressaltassem os perigos do trabalho para as mulheres, as mulheres que se encontravam em situações de pobreza precisavam ganhar seus salários para manter suas casas e famílias. Apesar dos discursos sobre os perigos do trabalho feminino e de como a redução dos horários poderiam vim a ser uma forma de prevenir situações, os industriais recusavam-se a adotar essa medida alegando que se diminuíssem a carga horária também teriam que diminuir os salários e assim afetaria as famílias que dependiam dele.

Embora o destaque dado as mulheres operárias do Sudeste, elas não eram as únicas mulheres que se aventuravam na vida pública brasileira na Primeira República, como evidencia Rago (2009)

Evidentemente, as mulheres pobres não estavam apenas nas indústrias do Sudeste. Muitas estavam no campo, trabalhando nas plantações e colheitas, em fazendas e em outros tipos de propriedades rural. Nas cidades, elas trabalhavam também no interior das casas- como empregadas domésticas, lavadeiras, cozinheiras, governantas- em escolas, escritórios, lojas, hospitais, asilos ou, ainda circulavam pelas ruas como doceiras, vendedoras de cigarros e charutos, floristas e prostitutas. Entre as jovens que proviam das camadas médias e altas, muitas se tornavam professoras, engenheiras, medicas, advogadas, pianistas, jornalistas, escritoras e diretoras de instituições culturais, como a famosa feminista Bertha Lutz. (RAGO, 2009, p. 603).

Entre essas várias mulheres, as sertanejas também merecem um destaque, situadas em uma sociedade muito patriarcal essas mulheres fogem um pouco do padrão impostos das mulheres das grandes cidades. No sertão brasileiro do início do século XX, apesar de não terem uma participação nas decisões políticas a sua presença é clara no cotidiano, se fazendo bastante presentes nas tradições e costumes religiosos de grande importância para os sertanejos. Porém, se faz muito difícil encontrar documentos que provem a participação de todas as mulheres, geralmente suas histórias são passadas através de relatos contadas de avós para netos. Havendo vestígios documentais apenas de mulheres de classe alta, a partir de documentos como certidões de casamento, diários e até em testamentos deixados por elas, evidenciando as diferenças de classes sociais entre as mulheres sertanejas.

As mulheres de classes altas deveriam se preocupar em fazer um bom casamento, para subir ou manter seus status na sociedade, enquanto as mulheres pobres buscavam garantir o seu sustento

As mulheres pobres não tinham outra escolha a não ser procurar garantir seu sustento. Eram, pois, costureiras e rendeiras, lavadeiras, fiadeiras ou roceiras- estas últimas, na enxada, ao lado de irmãos, pais ou companheiros, faziam todo o trabalho considerado masculino: torar paus, carregar feixes de lenha, cavoucar, semear, limpar a roça do mato e colher. (FALCI, 2009, p. 250).

As mulheres sertanejas pobres desde pequenas precisavam trabalhar e com o surgimento das indústrias nas áreas rurais, muitas delas deixam o trabalho do campo para trabalhar nas indústrias, na qual geralmente ofereciam trabalhos menos pesados para as mulheres e salários que ajudavam no seu sustento e no sustento da sua família, que fugiam das constantes secas.

Em vista dos argumentos apresentados é perceptível a mudança que ocorreu entre o século XIX e XX na sociedade em relação ao lugar ocupado pelas mulheres, elas deixam de serem invisíveis para se tornarem uma base importante na construção da sociedade, porém de forma estereotipadas ocupando espaços que remetem as funções tidas como femininas, e apesar dos grandes avanços alcançados no século XX é notável a existência de vários discursos no qual elas ocupam um lugar tido como inferior comparado com os lugares masculinos, se fazendo necessário vários avanços sociais para alcançar uma equidade entre os sexos, e a necessidade de maior visibilidade feminina no campo historiográfico.

3 PEDRA, A TRAJETÓRIA DO POVOADO

O Povoado Pedra, atual Delmiro Gouveia, pertencia ao município de Água Branca-AL, localizada em uma região sertaneja, sua economia girava em torno de pequenas produções agrícolas, como o algodão, e da criação de animais de pequeno e médio porte, como caprinos e bovinos. Pedra, praticamente não é mencionado antes do ano de 1900, a não ser pela ferrovia construída entre 1878 e 1883 a mando de D. Pedro II quando visitou as cachoeiras de Paulo Afonso, construída entre os municípios de Piranhas-AL e Jatobá-PE. A ferrovia tinha como objeto ligar Paulo Afonso ao restante do Norte, e foi de grande importância para os avanços econômicos do sertão.

Entretanto, foi a partir do ano de 1903 que Pedra começou a sua trajetória de grande progresso, com a mudança do empreendedor Delmiro Gouveia para a região, como relata Telma de Barros Correia (1998):

Em Alagoas, em 1903, Delmiro Gouveia comprou uma fazenda, que denominou Rio Branco, no município de Água Branca, perto de Pedra, um pequeno povoado às margens da Ferrovia Paulo Afonso. Na extremidade da fazenda próxima ao povoado e à ferrovia, construiu currais, açude, uma residência e prédios para abrigar um curtume. Em 1912, com a decisão de implantar uma fábrica de linhas no local, foi iniciada a construção do núcleo fabril, que incorporou essas primeiras edificações. Entre moradores e contemporâneos, o núcleo era referido como Fazenda Rio Branco, fazenda da Pedra, Vila Operária da Fazenda Rio Branco ou simplesmente como “Pedra”, ao passo que a povoação preexistente era chamada Pedra Velha ou “Cidade Livre”. (CORREIA, 1998, pp. 203-204).

Delmiro Gouveia foi de grande importância para o desenvolvimento do povoado, tornando-se praticamente impossível falar de um sem ao menos citar o outro, Telma Correia afirma que “As representações de Pedra e de seu criador se confundem e se reforçam mutuamente.” (CORREIA, 1998 p. 290), ou seja, as histórias estão entrelaçadas de uma forma que para entender o funcionamento de núcleo é necessário compreender o seu idealizador.

As várias realizações de Delmiro Gouveia foram discutidas em inúmeros livros e teses, na qual a sua grande maioria destaca o desenvolvimento do Nordeste e das industriais brasileiras. Nascimento (2014) vem destacando por ordem cronológica a aparição desse personagem nas produções intelectuais.

Em meio as inúmeras descobertas num balanço feito para avaliar em que pé se encontrava a temática aqui referida, merecem registro, por ordem cronológica de divulgação, o que foi produzido por Assis Chateaubriand (1917), Oliveira Lima (1917), Plínio Cavalcante (1917), Adolpho Santos (1947), Gylberto Freire (1959), Mauro Moto (1961), Octávio Brandão (1962), Pedro Motta Lima (1962), Tadeu Rocha (1963), seguidos por Felix Lima Júnior (1963), Olympio de Menezes (1963),

Alencar Araripe (1965), Caio Mário de Vasconcelos (1974), Graciliano Ramos (1977), Francisco Magalhaes Martins (1979), Luiz Nunes Alves (1979), Jorge Oliveira (1984), Adalberon Cavalcanti Lins (1988), Hidelbrando Menezes (1991), Moacir Medeiros de Santana (1996), Frederico Pernambuco de Mello (1998), até chegar às teses de Telma de Barros Correia (1998) e de Dilton Cândido Santos Maynard (2008), sem se deixar de ter em conta o que escreveu Geraldo Sarno (2006), autor e diretor do único longa-metragem feito até hoje sobre Delmiro e ainda Vingt-Un Rosado (2001), David Roberto Bandeira da Silva (2007), Jacques Marcovitch (2008), Mário de Andrade (2008), Alberto Cosme Gonçalves (2010) e Gilmar Teixeira (2011). (NASCIMENTO, 2014, pp. 21-22).

O número de produções em volta desse personagem demonstra como os seus trabalhos tiveram grande repercussão pelo Brasil, principalmente no Nordeste.

Quando Delmiro Gouveia decidiu se alojar permanentemente em Alagoas, adquirindo a fazenda Rio Branco, possuía alguns planos para a região, como utilizar a via férrea com o objetivo de dar continuidade no seu comércio de peles, construir uma usina hidrelétrica utilizando as águas da cachoeira de Paulo Afonso e, posteriormente, aplicar a energia obtida para o abastecimento do polo industrial, que também estava em seus planos construir no povoado Pedra.

A prática de levar os polos industriais para a zona rural já era bastante utilizadas e trazia inúmeras vantagens econômicas quando comparados aos núcleos indústrias das grandes cidades, como analisa-se a partir de Correia (1998):

A origem dessa forma de gestão da mão-de-obra relaciona-se à necessidade de aproximar empresas extrativas e fábricas às fontes de matéria-prima e de energia. Sua difusão, no século XIX, associa-se a projetos de arregimentação, fixação, capacitação e controle de mão-de-obra. (CORREIA, 1998, p. 53).

A preferência de industriais pela localização de fábricas no campo explicava-se tanto por fatores econômicos – proximidade de fontes de energia e abundância de terrenos baratos- quanto por fatores sociais- expressos no desejo de obter maior controle sobre os operários que empregavam. O núcleo fabril é simultaneamente produto de necessidade e de intenção. (CORREIA, 1998, p. 78).

Por meio dessas afirmações nota-se as vantagens de se construir polos industriais na zona rural, pois a proximidade das fontes de matéria-prima tem influência direta no valor gasto com a produção. Delmiro, como um grande empreendedor, percebeu que esse seria um ótimo investimento financeiro.

Após realizar a implementação da usina hidrelétrica, contando com o apoio político do Governador Euclides Vieira Malta e da família Torres e Luna, ele começou a construção da Fábrica de Linhas e do núcleo fabril, com base em Correia (1998) é possível analisar sobre o que consistiam os núcleos fabris e como era a sua funcionalidade.

Os núcleos fabris foram espaços fechados, concebidos como ilhas de trabalho e de reprodução de trabalhadores. Foram estruturados no sentido de conter ao máximo seus moradores, evitando interferências e contatos externos vistos como perturbadores de suas finalidades industriais. Ofereciam trabalho, moradia e todos os equipamentos e serviços que os industriais julgavam necessário a existência e a ocupação do tempo livre do trabalhador. Retendo o grupo operário, buscava-se prevenir seu contágio por ambientes vistos como degradantes ou por indivíduos todos tidos como corrompidos. O fechamento dos núcleos fabris dirigiu-se, ainda, no sentido de restringir, no seu interior, a interferência de poderes outros que não os dos patrões. (CORREIA, 1998, p. 91).

O núcleo fabril construído por Delmiro atendia a todos os requisitos necessários para restringir possíveis contatos externos que pudessem oferecer algum tipo de perturbação. A cerca que delimitava o espaço do núcleo além de dividir o povoado Pedra, também dividia os moradores do povoado. Dentro do cercado as pessoas viviam sobre regras rígidas, com a rotina totalmente controlada, mas livres das mazelas das secas, enquanto que fora do cercado os moradores da Pedra Velha⁷, embora tivessem uma vida mais livre, não possuíam a proteção oferecida no núcleo fabril. Ainda sobre a funcionalidade dos núcleos fabris, Correia (1998) afirma:

Os regulamentos que regiam os núcleos fabris também costumavam contemplar questões referentes ao consumo. Geralmente, procuravam combater o consumo de bebidas alcoólicas e garantir o abastecimento de produtos básicos. No cotidiano dos núcleos fabris não há lugar para a confusão e os contatos íntimos, típicos dos centros de comércio. Neles, o comércio é limitado, sendo exercido pela própria fábrica ou controlado por ela por meio de concessões. Essa rígida supervisão sobre a atividade de comércio permite à direção da empresa controlar o tipo de consumo, supervisionar as despesas dos operários, gerenciar o tempo gasto com as compras e, eventualmente, conter os preços das mercadorias. Tal atitude era coerente com a intenção de isolamento, com as medidas moralizadoras e com uma reposição adequada das energias para o trabalho. (CORREIA, 1998, p. 163).

No núcleo fabril Pedra tudo era sempre controlado, inclusive as horas de lazer que os moradores deveriam ter, cada detalhe passava pela inspeção do patrão, Delmiro Gouveia, que era conhecido por ser bastante rigoroso com os seus funcionários, e além de realizar inspeções pessoalmente, instruía seus funcionários para fiscalizar os colegas, como é possível observar nos relatos a seguir:

As casas localizadas nas esquinas dos quarteirões eram maiores e melhores. Tinham por volta de 230m de área construída, cinco quartos, três salas, despensa, cozinha e sanitário com água encanada, além de um amplo quintal, com saída independente. Destinavam-se aos encarregados, os professores, o médico, o farmacêutico, o engenheiro e outros funcionários gabaritados, os quais se responsabilizavam, pessoalmente, pela ordem e o asseio das demais moradias do quarteirão. Esses habitantes privilegiados foram transformados em uma espécie de “fiscais de quarteirão”, eram os olhos de Delmiro e respondiam por tudo o que ocorria na vizinhança. E, mesmo nessas casas melhores, os moradores eram obrigados a manter as portas e janelas abertas, não escapando da inspeção diária do intransigente e austero chefe. (Gonçalves, 2010, p. 271 *apud* Nascimento, 2014, p. 196).

⁷ Um dos termos utilizados para se referir a região do Povoado Pedra fora do cercado.

Ninguém dentro do núcleo fabril estava livre da inspeção, até as pessoas consideradas privilegiadas, por terem cargos de nível superior e moradias melhores, estavam sujeitas as regras impostas no núcleo. Entre as várias normas de Pedra, a limpeza era item indispensável, como se pode analisar a partir dos relatos de Chateaubriand (1990).

Antes de tudo, falo do asseio. É irrepreensível. Dentro e fora da fábrica, individual e coletivo. A vassoura é ali uma instituição. Tudo é escovado, brunido, polido. Não vi em parte alguma por onde tenho andado (...) limpeza tamanha e tão rigorosa. (...). Nas ruas seria impossível encontrar um cisco, um pedaço de papel atirado ao chão. Aqui e ali se vêem os barris para coleta dos papéis servidos. As carrocinhas passam e vão esvaziando-os (...). Passa-se como passamos várias vezes por aquelas calçadas extensas e não se vê uma mancha, um sinal de cuspe no chão. É tudo lavado, varrido, escovado. (CHATEAUBRIAND, 1990, pp. 65-69 *apud* CORREIA, 2007, p. 07).

A exigência com a limpeza não era exclusiva com os ambientes, Delmiro também exigia que os seus funcionários estivessem sempre limpos e arrumados, ele mesmo dava o exemplo usando sempre vestes brancas, as quais estavam sempre impecáveis, limpas e passadas. Para garantir que os seus funcionários cumprissem as regras de limpeza, ele os fiscalizava na entrada da fábrica, e quando acontecia de um funcionário chegar sujo, Delmiro o reprendia imediatamente e o mandava pra casa com vários insultos, como se pode observar no relato a seguir:

O banho era obrigatório para todos como era obrigatório o traje limpo. Muitas vezes vimos como ele – Delmiro - Fazia voltar da porta de entrada para o trabalho todo aquele que se apresentava sujo, dizendo: “Volte e vá tomar banho seu imundo”. Ninguém andava descalço ou cabeludo. Dizia sempre: “mando pelar sua cabeça se de outra vez aparecer assim.” Estas medidas serviam para apresentar um operariado limpo, calçado, disciplinado e mais ou menos alegre. (GÓES, 1962, p. 34 *apud* NASCIMENTO, 2014, p. 197).

Pedra vivia em constante vigilância, todos os detalhes foram pensados para que a funcionalidade do local fosse perfeita, até mesmo a farda dos operários, que eram em cores claras para que nenhuma sujeira fosse despercebida pelos fiscais. Delmiro e seus homens sempre sabiam quem entrava em Pedra e com qual objetivo. Os rapazes solteiros que não possuíssem família dentro da cerca só poderiam entrar para trabalhar e de forma alguma deveriam visitar casas que houvessem moças solteiras, os namoros em Pedra eram rigorosamente fiscalizados, como observa-se no relato a seguir:

Em Pedra, os namoros eram estritamente fiscalizados. A saída das moças do núcleo era controlada pelos fiscais, que chegavam a realizar rondas noturnas pelos arredores do local para surpreender casais de namorados que conseguissem burlar as rígidas normas do lugar (Góes 1962 p. 33). No cinema, homens e mulheres sentavam-se em locais separados, mesmo que fossem casados, e as crianças também tinham um lugar reservado nas primeiras filas. (MENEZES, 1963, p. 148 *apud* CORREIA, 1998, p. 235).

Os funcionários homens, principalmente os jovens da área administrativa, eram instruídos a não se envolverem com nenhuma funcionária, se fosse apurado algum caso, o jovem era chamado a presença de Delmiro que o incentivava a pedir a moça em casamento, e caso ele se recusasse Delmiro utilizava das suas artimanhas para o obrigar e se os noivos não tivessem condições financeiras de realizar a cerimônia, Delmiro emprestava o dinheiro e oferecia sua própria casa para ser o local da festa.

As punições para aqueles que fossem pegos descumprindo as regras eram aplicadas por Delmiro ou por seus homens, ele possuía o poder de atuar como polícia dentro do núcleo cedido pelo próprio governador do Estado, assim as punições eram aplicadas sempre que algum funcionário desobedecia às regras impostas, como relata Gonçalves (2010):

Eram aplicadas, seja por Delmiro, qualquer chefe encarregado ou fiscal, para quem infligisse alguma das regras, tais como: cuspir ou atirar detritos ou cascas de frutas no chão (detalhe importantíssimo, a penalidade era para o “dono” da casa); manter a casa escura ou trancada; usar chapéu dentro das residências, usar camisa fora da calça, se apresentar sujo, sem estar barbeado ou mal vestido; andar descalço; responder ou desobedecer aos fiscais, chefes e encarregados; fazer barulho fora do horário ou brigar. Também tinha multa para o pai, mãe ou responsável que deixasse de justificar a falta da criança na escola ou não cobrasse a realização das tarefas diárias; para quem desrespeitasse os velhos, pais ou mães; maltratasse os animais; andasse armado; praticasse jogos de azar; fizesse uso de bebidas alcoólicas; usasse o tradicional xale das sertanejas (Ofensa considerada gravíssima) que escondia a cabeça e parte do colo, normalmente desleixados e sujos; enfim, para qualquer prática considerada inadequada ou imprópria à comunidade. A tolerância era zero e os valores simbólicos variavam de um mínimo humilhante de 200 reis, podendo chegar a 2\$000 réis- [...]. O dinheiro arrecadado ia para uma espécie de caixa beneficente, administrada por funcionários de confiança dos operários e posteriormente revertido em proveito da comunidade. (GONÇALVES, 2010, p. 275 *apud* NASCIMENTO, 2014, p. 201).

No núcleo as pessoas eram moldadas, obrigadas a abandonar velhos costumes, como por exemplo, o uso de xale, de álcool e do porte de armas que consistiam em coisas comuns no cotidiano dos sertanejos, mas mesmo práticas tidas como cotidianas foram vedadas dentro do núcleo fabril, o que leva a questionar qual era o tipo de pessoas escolhidas para compor o quadro de funcionário da fábrica da Pedra, Santos (1947) auxilia essa análise com a seguinte informação:

A maioria do operariado era brasileiro, recrutado na população bronca do sertão bravio, o qual, recebendo os ensinamentos do chefe e dos profissionais contratados para amestrá-lo, tornara-se dentro de pouco tempo hábil no manejo de todos os aparelhos e de toda a maquinaria e, ainda hoje, são esses nativos que Delmiro instruiu e mandou instruir, os mesmos que executam as mais difíceis tarefas concernentes ao serviço eletrônico e fabril que se desenvolvem na Pedra nesta segunda fase. (SANTOS, 1947, p.36 *apud* NASCIMENTO, 2014, p. 78)

Ou seja, os funcionários escolhidos para trabalhar na fábrica da Pedra, na sua grande maioria pessoas sem nenhuma experiência no ramo industrial, que poderiam aprender e se adequar a forma de trabalho ideal para a fábrica, e para que eles pudessem aprender traziam alguns funcionários de outras fábricas para ensina-los como manusear o maquinário, é possível analisar um pouco mais sobre os trabalhadores de Pedra a partir de Correia (1998):

Pela seca e pela fome e buscava atrair famílias de agricultores das áreas próximas, sobretudo aquelas que contavam com várias moças em condições de se integrar ao trabalho fabril. No núcleo, havia lugar, também, para os foragidos da justiça ou perseguidos por inimigos em decorrência de intrigas pessoais ou conflitos políticos. (CORREIA, 1998, p. 229, grifo nosso).

Havia casos em que as famílias se mudavam para Pedra a partir de convite feito por Delmiro. Conforme depoimento de antiga moradora, isso acontecia, sobretudo, com famílias com muitas filhas moças, em condições de se integrar ao trabalho fabril. Nessas circunstâncias a fábrica providenciava a mudança da família para o núcleo. (SANDES, 1993 *apud* CORREIA, 1998, p. 230).

O núcleo fabril Pedra possuía água, energia elétrica e moradias habitáveis, constituindo-se como um lugar perfeito para aqueles que precisavam de um abrigo, e é dessas pessoas que o núcleo era quase todo formado, ao analisar as citações acima o grifo mostram claramente que as pessoas que habitavam Pedra consistiam na sua maioria retirantes fugidos da seca, ou foragidos da justiça, que enxergavam no lugar um refúgio, e por isso muitos temiam serem expulsos. Outra parte da população de Pedra era formada por pessoas com uma educação mais elevada e trazidas para ensinar os operários ou para trabalhar a serviço do funcionamento do núcleo, como médicos, engenheiros e professores.

No ano de 1924, Pedra possuía as seguintes instituições de ensino, o Externato Mixto S. João, a Escola Ruy Barbosa, a Escola 13 de Maio, a Escola 15 de Novembro, a Escola 7 de Setembro, a Escola Rio Branco e a Escola José de Alencar. A educação era de grande importância, todas as crianças deveriam frequentar as escolas, e caso não o fizessem os pais podiam ser castigados e até perder o emprego e a casa. Os funcionários analfabetos também deveriam frequentar a escola, em uma turma para adultos que não atrapalhasse as horas de trabalho. Para incentivar a frequência dos alunos, além das punições, os que tiravam notas boas e não faziam nenhuma traquinagem recebiam ingressos para frequentar os momentos de lazer oferecidos no núcleo fabril, como o ringue de patinação e o carrossel.

Os momentos de lazeres em Pedra eram planejados de uma forma que todos pudessem participar e nenhum operário ficasse com tempo ocioso. Além do carrossel e do ringue de patinação, Pedra ainda contava com um cinema, um clube e com banda de música, na qual era

os próprios operários que tocavam, e para isso os músicos eram liberados duas horas mais cedo do trabalho fabril para comparecer aos ensaios.

A fábrica funcionava de segunda a sábado, 24h por dia, no ano de 1916 chegou a ter o número de “1.500 operários - 400 crianças de ambos os sexos, 400 homens e 700 mulheres” (Diário de Pernambuco, 28 de agosto de 1916, p. 2 *apud* Correia, 2015, p. 94). Esses funcionários estavam divididos em turmas, na qual cada uma cobria um horário, como é possível analisar na Figura 4 a seguir:

QUADRO DE HORARIO	
HORARIOS	
ESCRITORIO: TURMA UNICA	
Das 7 as 11 horas.	Das 13 as 17 horas.
FABRICA:	
TURMA UNICA	
Das 6 as 10 horas.	Das 11 as 15 horas.
TURMA REVEZANTE	
Primeira Turma:	
Das 6 as 10 horas	Das 14 as 18 horas.
Segunda Turma:	
Das 10 as 14 horas.	Das 18 as 22 horas.
Terceira Turma:	
Das 22 a 1 hora.	Das 2 as 6 horas.
Uma hora de intervalo para café.	
Descanso Semanal: DOMINGO	

Figura 4 - Quadro de horários (Fonte: CORREIA, 2015, p. 97)

Aos domingos a fábrica realizava o pagamento dos seus funcionários durante o horário da manhã e à tarde acontecia a feira livre no núcleo fabril. O comércio em Pedra era bastante regrado, existiam uma mercearia e um açougue, na qual os funcionários podiam pegar mercadoria fiadas em nome da fábrica, que seriam descontados dos seus salários. Caso alguém tivesse uma dívida muito grande, era fortemente repreendido. A fábrica também cedia pequenos empréstimos para os funcionários adquirirem artigos pessoais importantes, como os relógios.

A fábrica da Pedra também foi responsável por trazer mudanças econômicas para fora da cerca, como o surgimento de algumas pousadas na Pedra Velha, que tinham como principal objetivo abrigar os operários que não possuíam casas no povoado.

Durante os anos que Delmiro Gouveia estava presente no núcleo fabril ele funcionou quase sem mudanças, ele foi responsável por trazer grandes avanços industriais para Pedra, o forte controle que ele possuía sobre o local chega a ficar mais evidente depois do seu assassinato, ao mesmo tempo que Pedra continua a ser uma comunidade modelo, as mudanças acontecem de uma forma muito rápida como podemos observar no artigo de Octavio Tavares (1924) denominado “A Pedra”.

[...] Os lares dos funcionários enlutaraz-se. E ainda agora volvidos anos, quem passa diante das portas abertas vê, como se fosse a effigie de um santo, na sua sala humilde, o retrato do desditoso evangelizador daquelles sertões. O crime criou a vigilância. A tragédia dictou a prevenção. Agora quando fecha todas aquellas portas para o som no reparador e o luar casa sua brancura a das casas da Pedra, vêem-se pelas ruas alinhadas, pelos meandros das mattas, as sentinelas da prudência, dos rifle a triracollo, atenta-se, diligentes Argos verdadeiros do sertão, como que attestando o pavor imenso que aquella gente toda tem de que a fúria assassina perturbe de novo a paz abençoada e a vida de trabalho daquelles fieis incomparável das Selvas. (TAVARES, Octavio. A Pedra. Revista da semana. 19 de abril de 1924 apud CORREIO DA PEDRA. 25 de maio de 1924, p. 01).

Tavares mostra o sentimento de medo que se instaurou em Pedra depois do assassinato de Delmiro, evidenciando pequenas mudanças no modo de vida dessa comunidade, como por exemplo as portas fechadas, já que antes era necessário deixá-las sempre abertas para a fiscalização, a liberação do álcool dentro do núcleo, embora não fosse algo incentivado, e também a retomada de características tidas como sertanejas, como por exemplo a religiosidade e o uso do fumo. Enquanto Delmiro era vivo a igreja não se fazia presente no núcleo, tendo sido construída a primeira capela em 1918, apenas um ano depois da sua morte.

A primeira capela de Pedra, foi construída por intermédio da senhora Iona, mulher do italiano Lionello Iona, um dos sócios de Delmiro Gouveia. Por devoção da senhora a padroeira escolhida foi Nossa Senhora do Rosário, a capela foi abençoada pelo arcebispo de Olinda e Recife, Dom Sebastião Leme e Dom Duarte Leopoldo, arcebispo de São Paulo que na época estava visitando a cachoeira de Paulo Afonso. Esse contato dos sertanejos com a religiosidade foi de grande importância para marcar a cultura dessa comunidade, que desde 1928 até os dias de hoje, celebram uma festa para enaltecer a padroeira de Pedra, hoje município Delmiro Gouveia, tornando-se além de um ato religioso, um ato cultural.

Um dos principais meios de propagar informações em Pedra, era o Jornal Correio da Pedra que circulou semanalmente entre outubro de 1918 a abril de 1930, o jornal na sua grande maioria continha quatro páginas, havendo exceções nas edições especiais que podiam chegar até quinze páginas. O jornal não apresentava apenas o cotidiano da Vila, mas apresentava também informações de várias regiões nacionais e internacionais, conectando assim os moradores da vila com os acontecimentos externos que iam acontecendo. O jornal também apresentava inúmeros discursos de valores, discutindo quais condutas eram aceitáveis no povoado, se fazendo assim um agente que atuava diretamente nos modos de vida dessa população.

Além do periódico influenciar seus leitores com artigos de opiniões que indicavam condutas aceitáveis para a população, a partir de janeiro de 1924 ele também começa a contar com uma coluna de fofocas, que servia tanto como um entretenimento, como um regulamentador da sociedade, no qual expunha condutas fora do padrão aceitáveis. Essa coluna era denominada “Carapuças” que era assinada pelo pseudônimo Tesourinha, que trazia fofocas sobre a população sem citar o nome das pessoas, como se pode observar no artigo a seguir:

Carapuças...

Sem graça, de gosto mau,
Eu digo aqui, sem segredo:
Hildegardo, ah, como é páu
O taal dictado: Stá cedo!

Fallando a Ceciliano
No começo da folgança
Disse a morena: ah, engano,
Não, como você nós não dança!

Octacilio, eu não lhe escondo
Das minhas notas o rol:
-Está você mais redondo
Que bola de foot-ball.

Oh, moça, eu acho ezquesito
Você no banco esperar,
De noite, o piáu bonito
Para com elle prosar.

Tão franzina, coitadinha,
A sympathica morena
Está se encantando, magrinha,
Magrinha que até faz pena!

Tesourinha
(CORREIO DA PEDRA, 1924, p. 227)

O Correio da Pedra, além de fazer propaganda de comércios existentes em várias cidades vizinhas, também funcionava como um instrumento de propaganda que enaltecia o funcionamento da vila, Pedra constituía-se como um modelo de moradia a ser seguido, um modelo de funcionalidade para o Brasil. A forma bruta como Delmiro tratava os seus funcionários era totalmente ignorada, enaltificada sempre a vila operária como o modo ideal de civilização, por isso, Pedra recebia constantes visitantes que queriam ver com os próprios olhos aquela comunidade, como podemos analisar em Correia (1996) ao falar sobre Pedra.

Aparecia como modelo a ser seguido pelo resto do Brasil, como fórmula para a superação do seu "atraso", como receita para integrar os vastos sertões no esforço de desenvolvimento da nação. Homens interessados numa "solução" para o País - sobretudo dirigentes e intelectuais - voltaram seus olhos para ela. O interesse provocado por Pedra junto a estas pessoas fica evidenciado pelo número dos que a visitaram. Apenas no curto período em que Delmiro esteve no seu comando (1914-1917), Pedra foi visitada, entre outros, por. Assis Chateaubriand, Mano Meio e Plínio Cavalcanti (jornalistas); Manoel Borba e João Batista Acirole (governadores); José Bezerra (ministro); Meroveu Mendonça e Eusébio Brandão (juizes); Arnaldo Bastos, Eutrópio Silva e Antônio Vicente (deputados); Bastos Tigre, Eugênio Gudin, Oliveira Lima, Raul Azedo e Saturnino de Brito. Alguns destes visitantes - sobretudo Chateaubriand e Plínio Cavalcanti - lançaram através de seus escritos as bases iniciais para os mitos de Delmiro como industrial exemplar e de Pedra como comunidade perfeita e protótipo da ação necessária para superar o "atraso" do Sertão. (CORREIA, 1996, p. 47-48)

É notável que o núcleo Fabril Pedra despertava bastante curiosidade, o que mais surpreendia as pessoas era a localidade em que esse projeto foi desenvolvido, Delmiro não tinha criado apenas um protótipo de comunidade perfeita, tinha criado essa comunidade no Sertão, o mesmo sertão de Antônio Conselheiro e do Padre Cícero, que para muitos ainda passava a ideia de um lugar atrasado em relação ao resto do mundo. Chateaubriand (1917) depois de realizar uma visita a Pedra expõem esse sentimento:

Chatô afirmou ainda: “Pedra começa a resgatar o assalto de Canudos, incorporando a cidade a civilização”. Não por acaso, o texto foi batizado de “Uma resposta a Canudos”. O autor elogiava a ação de Delmiro que “para combater a ignorância, o fanatismo religioso, serve-se também, de maquinas, engenhos de indústria humana, que em vez da morte e da destruição, ensinam o sertanejo e o jagunço o trabalho fecundo que educa, civiliza e aperfeiçoa. (CHATEAUBRIAND, Assis. Uma resposta a canudos. Diário de Pernambuco. Recife, 10 set. 1917. p.03 *Apud* MAYNARD, 2008, p.43).

Chega a ser inevitável as comparações entre a comunidade criada por Delmiro e a comunidade de Antônio Conselheiro, embora as duas abrigassem pessoas que fugiram do seu atual modo de vida, da seca ou de problemas políticos, elas funcionavam com um sistema totalmente diferente. Canudos ia contra as ideias de República e tinha grandes características religiosas, o que era algo comum para o sertanejo da época, que ao mesmo tempo utilizava da fé para suportar as dificuldades do sertão, possuía uma religiosidade distinta da religiosidade

implantada nas capitais, enquanto que Pedra era focada basicamente no sistema fabril, seus moradores eram na sua grande maioria funcionários da fábrica e mesmo os que não trabalhavam tinham a sua rotina toda controlada para auxiliar no funcionamento do núcleo fabril. Também era nítido como Pedra demonstrava características republicanas, tanto que chegou a ser utilizada como propaganda do regime republicano, como afirma Nascimento (2014):

A experiência industrial da Pedra foi , de fato, utilizada como propaganda do regime republicano, marcado no Brasil, por contradições e divergências de ordem política e ideológica, por ter os primeiros passos do regime inaugurado em 1889, resultado da paradoxal convergência de interesses diversos de militares e fazendeiros de café, duas forças sociais empenhadas na luta pela consolidação desse regime político: enquanto os militares defendiam um federalismo moderado e centralização do poder nas mãos da União , os senhores latifundiários defendiam a autonomia dos Estados e o favorecimento do núcleo agrário exportador em detrimento de setores ligados ao mercado interno. (NASCIMENTO, 2014, p. 30-31).

As mudanças em Pedra aconteceram de forma contínua, como deveria ser, ela continuou acompanhando os avanços do Brasil, principalmente das cidades pernambucanas, pois é notável como Pedra, devido a influência de Delmiro, possuía mais semelhança com o Estado Pernambucano do que com o Alagoano da qual fazia parte, como afirma Menezes (1991):

Pedra era alagoana apenas pela situação geográfica. Intelectualmente, era pernambucana. Os jornais lidos eram os de Pernambuco, os acontecimentos políticos ou sociais ocorridos no Recife faziam a população vibrar com interesse maior do que os verificados em Maceió.” (MENEZES, 1991, p. 89-90 *apud* NASCIMENTO, 2014, p.155)

Pedra continuou como povoado de Água Branca por um tempo. Segundo o site oficial do município, Pedra foi elevado para distrito no de 1938, a partir do decreto nº 2.435, porém só foi desmembrado de Água Branca em 1952, tornando-se oficialmente um município e passando a se chamar Delmiro Gouveia, como forma de homenagear o industrial que deu vida a Pedra.

4 MULHERES EM PEDRA

Ao analisar o Jornal Correio da Pedra que circulou semanalmente entre os anos de 1918 a 1930 na vila Operária Pedra, abordando assuntos de interesses locais, estaduais e nacionais, buscamos através desses discursos analisar e compreender a representação social das mulheres presentes no povoado Pedra entre os anos de 1914 a 1930, utilizando também, caso seja necessário, trechos de outras obras que possam ajudar na compreensão desses espaços.

Embora os nomes femininos estejam presentes em praticamente todas as edições, na sua grande maioria eles estavam apenas anunciando ou dando parabéns por datas de aniversários, casamentos, batizados ou até mesmo desejando melhoras. Poucas são as vezes que as mulheres estavam presentes em colunas de notícias ou artigos de opinião, por isso, esse trabalho está focalizado nas poucas vezes que essas referências estavam presentes, ficando mais comuns os artigos que se caracterizavam por expressar condutas de vida para a população a partir dos anos de 1922, como por exemplo, artigos que abominam o álcool e o homem preguiçoso, e que incentivam o casamento, entre esses artigos estavam: As leis civis e a igreja; Qual a idade ideal para o casamento?; Garantia da família e Principais normas do casamento segundo o Professor W. L. George⁸⁸. E é a partir desses artigos que se discutira sobre a mulher que esteve presente no povoado Pedra.

Nos artigos “As leis civis e a igreja” e “Garantia da família” ocorre uma propaganda da importância do casamento civil para a sociedade, destacando o fato que depois da separação entre estado e Igreja o contrato civil é a única forma de garantir a legitimidade do casamento perante a sociedade, como se pode analisar no artigo abaixo:

Garantia da Família

Atendendo as consequências graves que podem resultar da omissão do contracto civil para a garantia dos direitos materiais da família já construída ou a constituir-se proximamente, pedimos com toda força d'alma que os paes e mães de família não abram mão do contracto civil, por ocasião do casamento dos seus filhos e das suas filhas.

Gravissimos desastres temos tido ocasião de lamentar por causa das facilidades dos paes e mães, que não refletem sobre assumpto do tão indiscutível importância nos tempos que correm.

Não raras vezes, pessôas casadas sem effectuar o contrato civil- têm realizado o mesmo contracto com outras, resultando assim uma dolorosa desorganização social.

⁸⁸ Walter Leonel George foi um famoso romancista inglês do século XX que obteve sucesso escrevendo principalmente obras de ficção na qual abordava temas como feminismo, pacifismo e pró trabalhista, entre suas principais obras estão: A Bed of Roses (1911), The Intelligence of woman (1916), A Novelist on Novels (1918) e Anatole France (1915).

É verdade que as autoridades civis geralmente (há honrosíssimas excepções) não facilitam negócios tão importantes para as nossas famílias e para a nossa sociedade, mas os paes e mães devem fazer mesmo sacrificios contanto que logo depois do casamento dos seus filhos e filhas se lavre o contracto civil.

As noivas exijam dossens noivos, no dia do casamento, a efectivação dessa formalidade, para que não tenham de chorar, sem remédio, escândalos e desastres futuros.

Lembramos as mocinhas pobres da nossa terra que se não confiem tao facilmente nas promessas de posterior contracto, não se deixem iludir com certos desalmados que procuram perversamente ilaquear-lhes a boa fé exijam sempre o contracto civil no mesmo dia do casamento.

Não poucas vezes pretextam falta de dinheiro, demore-se, então, mais alguns dias a cerimonia contanto que, no mesmo dia do casamento, se effectue também o contracto civil. Algumas pessoas realizam o contracto civil e não se casam. Estas revelam falta absoluta do temor de Deus, falta de respeito à religião e afrontam iniquamente a moral evangélica. Estas sabem que vivem em concubinato legal, queiram ou não queiram os ímpios.

Os catholicos não esqueçam no dia seu casamento, o contracto civil.

Procedendo assim, obedecem aos mandamentos insistentes de todo o Episcopado Brasileiro

Da liga dos moços cavalheiros de Cárido.

(Correio da Pedra, 22 de maio 1922)

Esse artigo cheio de emoção enaltece os perigos que as jovens estão expostas se não exigirem o contrato civil ao se casarem, relatando ainda casos no qual as pessoas casadas que não haviam realizado o casamento civil, realizaram outros casamentos deixando assim uma grande bagunça na sociedade, já que o matrimônio era de grande importância para estabelecer os relacionamentos sociais. Entretanto, apesar da propaganda republicana para o casamento civil, inicialmente essa nova norma não foi aceita pela Igreja católica, causando uma tensão na relação entre Republicanismo e Catolicismo (GOMES, 2012).

Antes da promulgação da república o catolicismo era religião oficial do Brasil e a Igreja Católica possuía grande autoridade sobre a população, porém ao ser separada do Estado, ela perdeu sua grande influência e começou a disputar espaço com outras religiões. Entre as novas leis do Estado o de maior impacto sobre o catolicismo foi a implementação do casamento civil como única forma oficial do matrimônio diante da sociedade, isso afetou diretamente a Igreja Católica que por muitos anos era a única entidade responsável por legitimar o casamento, e assim era instituição que fazia parte diretamente da formação familiar. A Igreja não aceitou perder seus poderes de influência sobre a formação da sociedade, e defendeu sua supremacia atacando esse novo decreto, utilizando o discurso que o casamento era um sacramento e o único que poderia realizar essa cerimonia seria um padre, e que a lei civil que autorizava o divórcio não estava indo apenas contra a doutrina da Igreja,

mas também contra Deus, já que o casamento como um sacramento é algo que não poderia ser desfeito.

Uma das formas que a Igreja possuía para investir contra o Estado era a utilização dos jornais católicos, fazendo uma propaganda de oposição a república e as novas leis que excluía o catolicismo da ordem pública e social. A seguir pode se analisar uma declaração da Igreja afirmando a importância do casamento católico e debatendo as ideias que o Estado trazia sobre a importância do casamento civil.

Em nossas mãos está a reacção pacifica, condescendendo por enquanto prudentemente com aquellas disposições que não violentarem o respeito e o culto devidos a Deos. Nenhum catholico vá ao casamento civil, sem que primeiramente se tenha casado como manda nosso Deos e sua santa igreja; e todos aquellos que, feito o casamento religioso, não se quizerem sujeitar- ás formalidades civis, fiquem sabendo questão em seu pleno direito, e no próprio direito civil hoje vigente terão os que se cassarem muitos modos legitimos de garantirem seu direitos civis e os direitos de seus caro filhinhos. Nenhum se persuada que seus filhos deixam de ser legitimos, desde que forem elles tidos segundo a lei de Deos, que é a lei da lei , e contra a qual são nullos e impotente quantos decretos emanarem de qualquer poder puramente humano. (LORETO, 1890: 109/110 apud SANTOS, 2016, p. 17).

Observa-se que neste artigo a Igreja rebate a ideia que o casamento civil era a única forma de garantir a legitimidade do relacionamento e o direito dos filho diante da sociedade, embora esse artigo seja de uma data muito próxima a divulgação do decreto sobre o casamento civil, essa disputa sobre qual a entidade responsável pelo casamento durou por bastante tempo, tanto que se pode observar que no ano de 1922 ainda ocorria a propaganda da importância do casamento civil e do casamento religioso, no artigo “As leis civis e a Igreja” publicado em 26 de fevereiro, no Correio da Pedra, no qual enaltece que o casamento civil é o único meio de garantir a legalidade da união e os direitos do matrimônio, e que o casamento religioso é de grande importância para a construção da vida familiar, e que nenhum dos dois casamentos devem ser deixado de lado, pois os dois são de extrema importância para a formação familiar.

Essa disputa sobre a instituição do matrimônio ocorre principalmente por ele ser uma das principais bases da formação da sociedade, visto que o casamento é a forma mais comum de fazer/firmar acordo entre famílias e povos, como se pode observar nos relatos de RÜDIGER (2012)

Ao longo da história, o casamento teve motivações predominantemente alheias ao amor, quando era o caso de ele, o amor, estar no horizonte do mundo histórico do casamento. No passado mais distante, seu propósito era reproduzir a espécie e

constituir relações de aliança, além de reforçar a força de trabalho no âmbito doméstico. Com o tempo, chegada a era burguesa, tornou-se, para a mulher, a principal forma de sustentação financeira e, para o homem, a realização da fantasia de exercer o poder patriarcal (RÜDIGER, 2012, p. 149).

Ainda sobre o casamento o artigo “idade de casar” estabelece a idade certa que os jovens devem realizar o matrimônio.

A idade de casar- Nem sempre os legisladores estiveram se acordo neste ponto. Houve tempo na Hespanha em que os homens não podiam casar antes de 37 anos, pois a lei queria, acima de tudo, filhos vigorosos e dispostos para a pratica das virtudes cívicas. As mulheres podiam casar vinte annos mais cedo que os homens, isto é, aos 17.

Para transmitir vida, diz Monlas, é preciso tel-a-de sobra.É indispensável que a atelligencia se encontre bastante desenvolvida e o coração com suficiente experiencia do mundo, para cada um se dirigir a si mesmo, educar e encaminhar a família, e tudo isso não pode reunir-se geralmente no homem antes dos 25 anos, nem antes dos 19 ou 20 na mulher. Os homens casando antes dessa idade, realisam um casamento precoce e os que casam depois dos 33 o fazem tardiamente. Na mulher a melhor idade será entre os 19 e 25 annos.

(CORREIO DA PEDRA, 09 de abril de 1922)

Segundo esse artigo, a idade correta para o casamento é a idade na qual os homens e a mulheres estejam prontos para guiar seus filhos, demonstrando assim que o principal objetivo do casamento é a procriação e a manutenção da sociedade. Esses conceitos sobre o casamento não se resumem apenas a vila da Pedra, mas se fazem presentes em praticamente todas as sociedades ocidentais durante o século XX, existindo várias regras e normas para se encontrar o par ideal para selar o matrimônio, Kehl (1935) cita algumas dessas regras:

No capítulo Exame e Seleção Conjugal o autor elenca várias regras para o sucesso e o sentido do casamento, cada uma devidamente justificada:

Regra 1. Escolha sempre um par da mesma condição social.

Regra 2. Tenha sempre em vista a ascendência familiar do par que virá a escolher.

Regra 3. Evite casar-se com pessoa de raça diversa.

Regra 4. Escolha um par em perfeito gozo de saúde física, psíquica e mental.

Regra 5. Procure um esposo de educação e instrução equivalentes à sua.

Regra 6. Dê preferência a um par de situação financeira idêntica ou aproximada.

Regra 7. Verifique antes de casar-se se pode ser verdadeira para com seu esposo e vice-versa.

Regra 8. Não se engane com as belas aparências nem com as belas palavras.

Regra 9. Examine antes de comprometer-se num noivado, se o seu candidato encara a vida com seriedade e com a necessária previdência para assegurar um lar tranquilo e feliz.

Regra 10. Escolha um par de idade conveniente.

Regra 11. Evite casamento consanguíneo.

Regra 12. Procure um jovem de afinidade psíquica e mental, de temperamento, gostos e predileções aproximadas, a fim de evitar desentendimentos e malquerenças.

Regra 13. Evite um par de gosto e tendências exclusivas quando estas não afinam pelos seus.

Regra 14. Evite casar-se com um jovem com cuja profissão não se conforma.

Regra 15. Antes de dar o último passo para o compromisso matrimonial, leia todas as regras acima, pondere o que vai fazer e o que poderá acontecer, tendo sempre em mente que, casando-se, não vai viver para si só, mas para a família, para a descendência e para a humanidade

(KEHL, 1935, p. 71-81 *apud* ALMEIDA, 2013, pp 201-202)

Com base nesta citação é possível observar como a sociedade buscava manter a separação de classe a partir dos casamentos, desencorajando os jovens a se casarem com pessoas de posições sociais diferentes.

E ainda, a partir do que é apresentado nos artigos acima é notável como o casamento era algo importante, ou deveria ser, para as mulheres em Pedra já que era algo muito comentado no jornal, tornando-se uma forma de controlar as moças do povoado a partir do discurso que se elas não seguissem as normas sociais impostas não conseguiram um bom casamento, ficando assim para “titias”⁹, o que se podia ser considerado vergonhoso, já que essa mulher não estaria cumprindo o seu dever estabelecido pela sociedade.

Na imprensa do século XX, era comum a presença de artigos que tinha como objetivo normatizar os costumes, como se pode observar no Correio da Pedra com o artigo “As mulheres de calças”.

As mulheres de calças

Por ora dizem ellas que é para jogar o tennis, mas a questão acaba de suscitar vivos debates nas rodas elegantes e desportivas de Londres. E ainda definitivamente resolvida. Algumas amadoras entusiastas desse excelente jogo ao ar livre declaram-se firmemente resolvidas a abolir as saias... durante as partidas. E a razão, ou pretexto, é que as calças dão mais liberdade de movimentos. A jovem Miss S.allegava recentemente que é simples absurdo pretender que as calças são vestuários exclusivamente masculinos. E acrescentava: “Ao menos para o tennis, as mulheres podem aspirar legitimamente ao seu uso!”

Todavia, Londres ainda discute... talvez á espera de que as jovens norte-americanas, mais desembaraçadas, dêem o primeiro passo.

(Correio da Pedra, 23 de setembro de 1923)

A discussão sobre o uso das calças pelas mulheres foi um tema bastante atual para época, segundo Ferreira (2015) no início do século XX o ato das mulheres usarem a calça, era visto como uma forma de protesto e associado ao feminismo, e por isso no Brasil ela foi bastante rejeitada no começo. Alguns artigos ainda traziam discussão sobre moda e aproveitavam para fazer críticas as posturas femininas, como os artigos “É sempre assim” e o “O Chic” que ao trazerem os relatos sobre as novas modas femininas também enfatizam as posturas que as mulheres deveriam possuir perante a sociedade, como se observa no artigo a baixo:

O “Chic”

⁹ Termo popularmente utilizado para denominar mulheres que nunca se casaram; Encalhadas.

O que é o chic?

Não é fácil definir... O chic é tão abstrato! Não consiste o chic em andar ricamente vestido. Há pessoas que se apresentam com vestidos de três mil francos e que não são chics como midinette parisiense que enverga um vestido notavelde dois sous. O chic é um dom natural. Tem-n'o por exemplo as sul-americanas, especialmente as cariocas. Para que uma mulher seja chic, também não é indispensável que seja bem feita; a beleza clássica da mulher é a latina, é a grega; as outras bellezas são < adúlteras > e, no entanto, a moda que actualmente predomina é saxônica. As latinas são de constituição robustas; o seu traje natural seria a < draperie > e, apesar disso, usam os vestidos de linhas rectas que só convém às saxônicas.

Pois, apesar dessas contra sensos da moda, as latinas são as mais chic.

E-se chic sem que se saiba porquê... Uma mulher que saiba vestir bem não usa cores berrantes.

Verdadeiramente Chic é a pessoa que ao vermol-a na rua, nos arranca uma exclamação admirativa e da qual momentos depois não podem recordar a cornem o feitio do seu vestido.

Por isso não aplaudimos o decote.

A mulher- diga ella o que quiser- veste-se para o homem.

Ora, o homem prefere advinhar os encantos de uma mulher a vel-os a descoberto; e a suprema arte é a que, sem os mostrar, sugere os encantos femininos.

Quanto ao espartilho foi desterrado para sempre. O cinto de borracha, porém, é mesmo necessário à saúde da mulher.

Quanto as saias compridas, são inaceitáveis para a rua; admissíveis, porém, ainda que consideradas efêmeras, para bailes e theatros.

O chic é o bom gosto que, na França, é atávico e é o supremo juiz da moda; por isso nos vem d'alli e refina-se nos ademanes naturais das brasileiras de toda parte.

(Correio da Pedra, 24 de setembro de 1922)

Observa-se que ao caracterizar o que é ser chique, o presente artigo enaltece as mulheres brasileiras, e indica que ser chique vai além das roupas que elas usam, o ser chique é ter uma conduta discreta e ainda destaca que as mulheres, independentemente do que digam, se vestem para agradar aos homens. E essa ideia de que os comportamentos das mulheres devem ser calculados para agradar os homens está presente de forma bem clara pelo decorrer do periódico de Pedra.

Outro tema bastante abordado no periódico da Pedra é o ato das mulheres que fumavam ou mascavam fumo na vila, esse costume era bastante repreendido e durante a vida de Delmiro Gouveia era algo proibido. Porém, após a sua morte parece que se tornou algo corriqueiro entre algumas mulheres, levando em conta a propaganda contraria ao fumo que o periódico fazia, como pode ser observar a seguir:

Fumar cachimbo
 Às melindrosas fumadeiras da Pedra.

- Ora, bolas!- direis- fumar num pito não é coisa indecente...

No entretanto, Mais uma vez, moçoilas, vos repito.

- É asqueroso, nojento, causa espanto!

E, si pitando, á noite, ao infinito

A fumarada atinge, e o noveo manto

Da via-lactea empana,- o céo, afflicto,

Faz descer maldições que causam pranto.

Repontareis: Então, essa fumaça,

Alcançando de Deus o sacro nimbo,
 É presagio de secca e de desgraça!?
 Confirmando-o, direi: - Deitai-o ao limbo!
 Pois só quem masca fumo tem a graça
 De achar que é chic e bom fumar cachimbo.
 (Correio da Pedra, 11 de novembro de 1923)

Nem a páu...

Casar contigo? É tolice!
 Não sou trouxa e não vou nisso!
 Com moça que masca fumo.
 Nem mesmo as artes do enguiço
 Conseguirão, eu presumo,
 Colher-me em tal pafetice!
 Também contigo!? Oh, engano!
 Não mascas fumo, meu bem.
 Mas teu cachimbo- oh, desgraça!
 Mas que a fornalha do trem
 Solta fagulha e fumaça
 Como as forjas de Vulcano!
 Nem com ella... nem contigo!
 Eu, que sou limpo e cheiroso,
 Lavo a boca e tomo banho,
 Digo sério e desdenhoso
 - Com sujas não me emmaranho,
 Vão rodando... Eu câ não ligo!
 (Correio da Pedra, 21 de outubro de 1923)

Mais uma vez, pode se observar como a ideia de matrimonio é utilizada para controlar as atitudes das moças, abordando a ideia que caso elas aderissem esse costume perderiam a chance de arranjar uma boa união, enaltecendo mais uma vez, a importância que era dada ao casamento na época, tendo efeito de fazer com que as mulheres solteiras repensassem seus hábitos.

Ainda no Correio da Pedra tinha uma coluna presente em quase todas as edições assinadas por Airam Amil, pseudônimo de Maria Lima, uma professora da Vila da Pedra, que escrevia pequenas cartas e alguns poemas relatando assuntos do seu cotidiano, como por exemplo, algumas experiências em sala de aula e alguns passeios.

A entrada das mulheres na profissão de docente foi uma grande conquista feminina, e acarretou em muitas discursões sobre as funções e as regras que deveriam conduzir a profissão, o que fez com que essa profissão passasse por mudanças significativas durante o século XX, entre elas o fato de começar a ser dominada por mulheres, e o fato de passar a ser vista como uma vocação, como se pode analisar abaixo:

(...) Ligado à idéia de que as pessoas têm aptidões tendências inatas para certas ocupações, o conceito de vocação foi um dos mecanismos mais eficientes para induzir as mulheres a escolher as profissões menos valorizadas socialmente. Influenciadas por essa ideologia, as mulheres desejam e escolhem essas ocupações, acreditando que o fazem por vocação. (HYPOLITO, 1997, p. 21 apud SOUSA, 2010 p. 03)

Para as mulheres a profissão de docente foi exposta como uma extensão dos deveres tidos como femininos, ou seja, educar/criar crianças, fazendo com que as professoras assumissem papéis que se assemelhassem a uma segunda mãe, como se pode observar a partir de Sousa (2010):

A representatividade da mãe espiritual vem substituir a necessidade da mãe biológica. Alguns estudos apontam para a velada existência de um regime de celibato para as professoras. A condição de solteira ou solteirona favorecia um modelo educacional que não mais se preocupava com a eugenia, assexuava os corpos femininos. Assim sendo, reforçava, agora com muito mais ênfase, o magistério como signo de pureza, vocação e sacerdócio, construía-se o ideário da grande mestra – dedicada integralmente aos alunos e à escola e completamente distanciada de outras relações afetivas. (SOUSA, 2010, p. 05).

As professoras dedicavam-se inteiramente aos seus alunos, abdicando da sua sexualidade e de possuir suas próprias famílias, e até mesmo entregando seus corpos a profissão, como se pode analisar a partir de um contrato trazido por Sousa (2010).

A exemplo disto trazemos um recorte de um contrato assinado entre as professoras e o Conselho de Educação da Escola, em 1923 (com duração prevista por oito meses):

- 1-Não se casar. Este contrato torna-se nulo imediatamente se a professora se casar.
- 2-Não andar em companhia de homens.
- 3-Estar em casa entre às 8 horas da noite e às 6 horas da manhã, a menos que esteja assistindo a alguma função da escola.
- 4-Não ficar vagando pelo Centro em sorveterias.
- 5-Não deixar a cidade em tempo algum sem a permissão do presidente do Conselho de Curadores.
- 6- Não fumar cigarros. Este contrato torna-se nulo imediatamente se a professora for encontrada fumando.
- 8- Não beber cerveja, vinho ou uísque (...).
- 9-Não andar de carruagem ou automóvel com qualquer homem, exceto seu irmão ou pai.
- 10-Não tingir os cabelos (...).
- 14-Não usar pó no rosto, rímel ou pintar os lábios. (SOUSA, 2010, pp.6-7).

Baseado nas regras impostas nesse contrato são visíveis a forma como as professoras eram moldadas pela sociedade no início do século XX para manterem a imagem de mulheres puras e respeitáveis, podendo assim serem aceitas para ensinar os valores tidos como necessários para a sociedade da época.

O magistério feminino chega a ser mais citado durante os periódicos analisados, do que mesmo as profissões femininas que existiam nas fábricas, e sempre que era citado uma professora é utilizado termos que as qualifiquem como senhoras dignas, já para as outras

mulheres da vila raramente denominam suas profissões mais frequentemente denominando-as como filhas ou esposas de alguém.

Ao mesmo tempo em que o jornal apresenta as senhoras como digníssimas damas, ele também as representa com uma personalidade ciumenta e um pouco infantil, como se pode analisar no artigo “É sempre assim...”

É sempre assim

Cláudio olha me... Estou bem?
 Está... Apenas um pouco corada...
 Que homem exagerado! Quase que não se nota...
 Não é tanto assim... Antigamente, a suprema elegância era palidez; agora...
 Decididamente vocês, mulheres são incompreensíveis!
 Ora! É tão chique, um pouco de cor! Não Faz Mal... e o vestido? Não me fica admiravelmente bem este?
 Vaidosa!
 Vai dar de natural, meu caro...
 Eu sei que eu sou bonita...
 Seria ainda mais, mas se não tivesse essa certeza!
 Moralista! Então é crime?
 Não, mais...
 [...]
 É uma creancice lamentável, acredita.
 Creancice! Quando a vaidade é injusta, concordo ponto, não sendo assim, é desculpável...
 Nunca, minha filha... Devemos sempre ser modestos.
 A, que graça. Exclamação você também não é vaidoso?
 Eu? ...
 Sim... Com seus escriptos...
 Oh, é coisa tão diferente. De exclamação de resto, não é, propriamente, vaidade...
 Tenho consciência do que escrevo, não posso consentir, é claro, uma crítica acerba ou injusta.
 Porque offende a vaidade...
 Não é isso.
 Ah, decerto... Os defeitos alheios nunca tem desculpa... Com franqueza: você, com essas maneiras retraída sem, é um grande presumido!
 Seria preciso que eu não conhecesse!
 Eu, Marina?
 Aqui entre nós, meu caro... só o que você escreve tem valor., Só você tem gosto., Só você que...
 Quanta tolice! Criança! Seria preferível, talvez que eu não fosse inteligente?
 [...]
 Porventura desse eu alguma blasfêmia? Na minha opinião a moda atual é bem engraçada ponto, mas só você pensa o contrário, o que tem isso?
 Queria você talvez que me vestisse como uma provinciana?
 Não nos sangramos, Marina... Você julga que fica bem assim e fim tanto melhor!
 Para você isso não tem importância, não é?
 Não tem mesmo, confesso...
 Você só repara no vestido das outras... Até gostou daquele abdome na ver o vestido da Didi!
 [...]
 Está zangada, mesmo? A, já sorri?
 Você tem um jeitinho!
 Eu. De interrogação Que injustiça! Então? Ainda está zangada?
 ... não.
 Logo vi... Vá... Outro beijo... Na face, não, já disse, teimosa!
 2? É muito!

É pouco! Pa... Assim... Não resistiu, em?
 Presumido!
 Vaidosa!
 Feio! Vamos a um teatro?
 Vamos!

Tijuca, janeiro de 1923
 Luís Lamego
 (Correio da Pedra, 8 de julho de 1923)

Nesse artigo, temos a simulação de uma conversa entre marido e esposa por que ela se denomina uma mulher bonita e este a repreende pela falta de modéstia, entre a discursão ela é acusada de ser criança, demasiada vaidosa e exagerada, por dizer que o marido também é vaidoso sobre si e no final o artigo ainda a apresenta como uma mulher ciumenta, já que cria caso pelo fato do marido ter reparado no vestido de Didi, mas não reparar no dela. Já no artigo “Lua de mel” (Correio da Pedra, 11 de maio de 1924) a mulher vira uma chacota quando depois de oito dias de casada, sua funcionária precisa faltar por motivos de doença, e essa não sabe cozinhar, desconhecendo até o processo de fazer um ovo para o seu marido.

Ainda existem outras formas que elas aparecem nas edições pesquisadas, em anúncios, como costureiras ou em nomes de remédios e pousadas, e ainda em pequenas notícias, as mulheres tidas como comuns em notícias sobre assassinatos e acidentes, e até em alguns anúncios de enlace.

O Correio da Pedra apresenta o ideal de mulher como submissa ao seu marido e aos cuidados da casa, tendo como virtudes a modéstia, a paciência e principalmente a higiene, porém através dos seus inúmeros artigos sobre a conduta ideal que a mulher deve ter, como também os artigos utilizados para tentar controlar os hábitos femininos passando uma ideia de que a mulher precisa ser sempre vigiada e repreendida para evitar obter costumes inadequados, em suma as mulheres assim estavam representadas como um sexo frágil que devido suas emoções voláteis está sujeita a cair nas tentações imundas.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente pesquisa objetivou analisar como se deu a representação das mulheres residentes no núcleo fabril Pedra no Periódico Correio da Pedra, que circulou semanalmente entre 1918 a 1930, proporcionando informações sobre os acontecimentos da Vila Operária e trazendo informações de outras localidades, conectando Pedra com outras regiões, e favorecendo a circulação de informações nessa região sertaneja.

Em um primeiro momento analisamos a posição ocupada pelas mulheres na sociedade entre o final do século XIX e o início do século XX, e a sua representação na historiografia da humanidade, constatando as mudanças ocorridas entre os séculos, na qual é perceptível a entrada oficial das mulheres na vida pública a partir das ideias iluministas e burguesas capitalistas, na qual colocou as mulheres em papéis de funcionárias e também de estudantes. Apesar de várias opiniões sobre os lugares que deveriam ser ocupados pelas mulheres, relacionados na sua maioria a maternidade, as mulheres começaram a ocupar outros locais de trabalho, principalmente nas fábricas, porém muitos dos locais ocupados pelas mulheres eram referenciados a partir dos estereótipos femininos do século XIX, como por exemplo, educadoras, enfermeiras e costureiras.

No segundo capítulo, foram apresentados os aspectos que formavam o núcleo fabril Pedra, desde a chegada do industrial Delmiro Gouveia em 1903 até sua promoção para distrito em 1938. Pedra foi um modelo de comunidade Republicana enaltecido em todo país, chegando a receber várias visitas de pessoas que se admiravam com a formação dessa comunidade no sertão que era tido como uma região atrasada. Na administração de Delmiro Gouveia Pedra possuía um regime bastante rígido, no qual todos os horários eram controlados, inclusive os horários destinados ao lazer, sendo os costumes e a higienização também regulados e inspecionados. Depois da morte de Delmiro o núcleo fabril não teve a mesma rigidez sobre as condutas sociais tidas no local, mas mesmo assim continuou sendo um modelo de comunidade, na qual buscava manter uma organização condizente com a sua fama.

Ao analisarmos as aparições femininas nas edições do periódico Correio da Pedra é notório como as mulheres na grande maioria não aparecem em papéis de destaques, sendo mais comumente referenciadas em saudações de aniversários ou avisos de batizados e casamentos, sendo poucas as vezes que aparecem em notícias e anúncios.

Entretanto, o jornal está repleto de artigos de opinião que abordam quais as condutas femininas aceitas pela sociedade, ditando como elas deveriam se comportar e apresentando um estereótipo de mulher ideal, dessa forma é perceptível como o jornal Correio da Pedra representa as mulheres como o sexo frágil, que possui emoções voláteis e que podem ser facilmente manipuladas, principalmente as jovens, se fazendo necessário a constante vigilância e o controle dos seus hábitos para que elas possam estar aptas ao matrimônio, fortalecendo assim a ideia que as mulheres precisavam se casar.

Apesar das lacunas e partes ilegíveis encontradas no periódico a pesquisa obteve resultado favorável em analisar os artigos que se referiam as mulheres, constando que apesar de Pedra ser referenciada como uma comunidade avançada para sua localidade, a situação feminina não se diferenciava das situações femininas encontradas no sertão e nas fábricas operarias situadas nos interiores, sendo essas colocadas e representadas em lugares femininos estereotipados pela sociedade.

Ao buscar analisar a representação das mulheres no periódico correio da pedra, existia o propósito de dar maior visibilidade as essas mulheres, as colocando na historiografia da vila operaria, já que elas praticamente não aparecem nos relatos sobre o núcleo, sendo a história da vila praticamente toda voltada ao industrial Delmiro Gouveia.

Pretendendo compreender como se deu a atuação delas no povoado, embora pouco foi achado sobre a maioria dessas mulheres presentes no povoado, este trabalho vem contribuir para melhor compreendermos a inserção das mulheres no contexto do núcleo fabril Pedra, e também contribuir com a ideia do uso do periódico como fonte de pesquisa para futuros trabalhos sobre essa região.

REFERÊNCIAS

FONTES

CORREIO da Pedra. Maceió: Imprensa Oficial Graciliano Ramos, 2017. 4v

BIBLIOGRAFIA

ALIBIO, Nádia Campos; STRELOW, Aline do Amaral Garcia. Eu sei tudo: a revista feminina e a construção da mulher ideal no início do século XX. **Encontro Nacional de História da Mídia (10.: 2015 jun. 3-5: Porto Alegre, RS). Anais.[Porto Alegre, RS: Alcar, 2015].**, 2015.

ALMEIDA, Jane Soares de. **As gentis patricias: identidades e imagens femininas na primeira metade do século XX (1920/1940)**. In: Educar em Revista. N. 48. Curitiba: Editora UFPR, 2013, p. 187-205.

ALMEIDA, Jane Soares de. **Mulheres no Cotidiano: Educação e Regras de Civilidade (1920/1950)**. Revista Dimensões, Vitória, v. 33, p. 336-359, jul./dez. 2014.

ALVES, Marcio Miranda. Escravos, republicanos e imprensa política em O continente. **Signótica**, v. 27, n. 1, p. 99-124, 2015.

BIASOLI-ALVES, Zélia Maria Mendes. Continuidades e rupturas no papel da mulher brasileira no século XX. **Psic.: Teor. e Pesq.** [online]. 2000, vol.16, n.3, pp.233-239. ISSN 0102-3772. <http://dx.doi.org/10.1590/S0102-37722000000300006>.

CAVALCANTI, E. B. Correio e vila operária da Pedra: o patronato e a ideologia do trabalho com uma experiência comunitária. **Cadernos de Estudos Sociais**, v. 14, n. 1, 7 jun. 2011.

CORREIA, José Cícero. Fábrica da Pedra: uma indústria “exemplar” no semiárido alagoano entre 1914 /1917. In: SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA. 27, 2013, Natal. **Anais eletrônicos** [...]. Natal, 2013. Disponível: http://www.snh2013.anpuh.org/resources/anais/27/1364309434_ARQUIVO_FABRICADAP_EDRA-NOSEMIARIADOALAGOANO.pdf

CORREIA, José Cícero. **Trabalho, seca e capital: da construção da ferrovia Paulo Afonso à Fábrica de Linhas da Pedra (1878-1914)** Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal de Alagoas. Instituto de Ciências humanas, Comunicação e Artes. Programa de Pós-Graduação em História. Maceió, 2015.

CORREIA, Telma de Barros. Delmiro Gouveia: a trajetória de um industrial no início do século XX. In: SEMINÁRIO PIONEIRISMO EMPRESARIAL NO BRASIL E A CONSTRUÇÃO DO SÉCULO XXI - FEA-USP. 2007. **Anais eletrônicos** [...]. São Paulo, 2007. Disponível: http://www.usp.br/pioneiros/n/arqs/tCorreia_dGouveia.doc

CORREIA, Telma de Barros. **Pedra: Plano e cotidiano operário no sertão** – Campinas, SP: Papirus, 1998. – (Série Ofício de arte e forma)

COSTA, H. I.; ANDROSIO, V. de O. **As transformações do papel da mulher na contemporaneidade.** Disponível em: <http://www.pergamum.univale.br/pergamum/tcc/Astransformacoesdopapeldamulhernacontemporaneidade.pdf>. Acessado em: 27 de setembro de 2015.

SARTON, Robert. Roger Chartier entrevistou-se por Robert Darnton. *Matrizes* [en linea]. 2012, 5 (2), 159-177 [fecha de Consulta 16 de Enero de 2021]. ISSN: 1982-2073. Disponível em: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=143023787008>

DE BARROS CORREIA, Telma. O modernismo e o núcleo fabril: o anteprojeto de Lúcio Costa para Monlevade. **Pós. Revista do Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo da FAUUSP**, n. 14, p. 80-93, 2003.

DESOUZA, Eros; BALDWIN, John R. and ROSA, Francisco Heitor da. **A construção social dos papéis sexuais femininos.** *Psicol. Reflex. Crit.* [online]. 2000, vol.13, n.3, pp.485-496. ISSN 0102-7972. <http://dx.doi.org/10.1590/S0102-79722000000300016>.

FALCI, Miridan Knox. Mulheres do sertão nordestino. *In: PRIORE, Mary Del (org.). História das mulheres no Brasil.* 9 ed., 2ª reimpressão- São Paulo: Contexto, 2009.pp. 241-277.

FERREIRA, Vívian Marcello. Moda e condição feminina: o papel da mulher na modernidade carioca. *In: XXVIII Simpósio Nacional De História, 28., 2015. Florianópolis. Anais eletrônicos...* Santa Catarina: UDESC, 2015. Disponível em: Acesso em: maio de 2020

GOMES, Edgar da Silva Gomes. **O catolicismo nas tramas do poder: a estadualização diocesana na Primeira República (1889/1930).** Tese (Doutorado em História) - PUC, São Paulo, 2012.

GONÇALVES, Andréa Lisly. **História & gênero** – Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

HOBBSAWM, Eric. Cultura e gênero na sociedade burguesa europeia de 1870-1914. *In: Tempos fraturados.* São Paulo: Companhia das Letras, 2013.

LEITE, Carlos Henrique Ferreira. Teoria, metodologia e possibilidades: os jornais como fonte e objeto de pesquisa histórica. **Escritas: Revista do Curso de História de Araguaína**, v. 7, n. 1, p. 03-17, 2015.

MARTINS, Ana Luiza; DE LUCA, Tânia Regina. **História da imprensa no Brasil.** Editora Contexto, 2010.

MAYNARD, Dilton Cândido Santos. **O Recife e o Centenário de Delmiro Gouveia em Pernambuco** (1963). *Outros Tempos*, vol. 10, n.16, 2013 p. 23-43. ISSN:1808-8031

MAYNARD, Dilton Cândido Santos. **O senhor da pedra: Os usos da memória de Delmiro Gouveia (1940/1980)** Recife, 2008.

MENDONÇA, João Guilherme Rodrigues; RIBEIRO, Paulo Rennes Marçal. Algumas reflexões sobre a condição da mulher brasileira da colônia às primeiras décadas do século XX. **Revista Ibero-americana de estudos em educação**, 2010.

NASCIMENTO, Edvaldo Francisco do. **DELMIRO GOUVEIA E A EDUCAÇÃO NA PEDRA**- 2.ed.-Maceió: Viva Editora, 2014 **História**. Disponível em: <https://www.delmirogouveia.al.gov.br/index.php/cidade-2/historia> acesso em 23.10.2019

NEVES, M. de S.: Os cenários da república. O Brasil na virada do século XIX para o século XX. In: DELGADO, Lucília de Almeida Neves; FERREIRA, Jorge Luís (Eds.). **Brasil Republicano: Estado, sociedade civil e cultura política. O tempo do liberalismo excludente. Da Proclamação da República à Revolução de 1930.** 1st ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003. v. 4. Pp. 14-44.

NOVAIS, Suzimar dos Santos. **Mulheres sertanejas: política e economia no sertão da ressaca**. Dissertação (mestrado) Universidade Federal da Bahia, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Salvador, 2011.

OLIVER, Graciela de Souza and FIGUEIROA, Silvia F. de M.. **Ceres, as mulheres e o sertão: representações sobre o feminino e a agricultura brasileira na primeira metade do século XX**. Cad. Pagu [online]. 2007, n.29, pp.365-397. ISSN 0104-8333. <http://dx.doi.org/10.1590/S0104-83332007000200015>.

PERROT, MICHELE. **As mulheres ou os silêncios da história**. Trad. Viviane Ribeiro. Bauru, SP: EDUSC, 2005. (Coleção História)

PERROT, Michelle. **Minha história das mulheres**. São Paulo: Contexto, 2007.

PERROT, Michelle. **Os excluídos da História: operários, mulheres e prisioneiros**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

RAGO, Margareth. **Feminizar é preciso: por uma cultura filógena**. São Paulo Perspec., São Paulo, v.15, n.3, pp.53-66, julho, 2001 disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010288392001000300009&lng=en&nrm=iso>. Acessado em 04 Abril. 2020. <https://doi.org/10.1590/S0102-88392001000300009>.

RAGO, Margareth. Trabalho feminino e sexualidade. In: PRIORE, Mary Del (org.). **História das mulheres no Brasil**. 9 ed., 2ª reimpressão- São Paulo: Contexto, 2009.pp. 578-606.

ROCHA, Marcos Maciel de Sousa. **Moda, feminismo & gênero: a conquista dos direitos das mulheres sob a ótica da moda**. 2015. 32 f., il. Trabalho de conclusão de curso (Especialização em Educação em e para os Direitos Humanos no Contexto da Diversidade Cultural) —Universidade de Brasília, Brasília, 2015.

RÜDIGER, Francisco. O amor no século XX: romantismo democrático versus intimismo terapêutico. **Tempo social**, v. 24, n. 2, p. 149-168, 2012.

SANTOS, Aline Tosta dos. **A construção do papel social da mulher na Primeira República**. Em Debate (PUCRJ. Online), v. 8, 2009.

SANTOS, Ana Gabriela da Silva. **O casamento na implantação do Registro Civil brasileiro (1874 - 1916)**. ANAIS DO I ENCONTRO DE PÓS-GRADUANDOS DA SOCIEDADE BRASILEIRA DE ESTUDOS DOS OITOCENTOS. Niterói, 2016.

SCOTT, Joan. História das mulheres. *In*: BURKE, Peter (org.). **A Escrita a história: novas perspectivas**. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1992.pp. 63-95.

SILVA, Glauce Cerqueira Corrêa da et al . A mulher e sua posição na sociedade: da antiguidade aos dias atuais. **Rev. SBPH**, Rio de Janeiro , v. 8, n. 2, p. 65-76, dez. 2005 . Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-08582005000200006&lng=pt&nrm=iso>. acesso em 05 dez. 2019.

SILVA, Paula Francinetti da. **A coluna social como gênero de fofoca**. 2010.

SIMÕES SIW, Hashimoto F. **Mulher, mercado de trabalho e as configurações familiares do século XX**. Vozes Vales UFVJM [Internet]. 2012[cited 2015 Jun 30];2(1). Available from: http://site.ufvjm.edu.br/revistamultidisciplinar/files/2011/09/Mulher-mercado-de-trabalho-e-as-configura%C3%A7%C3%B5es-familiares-do-s%C3%A9culo-XX_fatima.p.

SOUSA, Alina Silva. **A família na república: imprensa e casamento civil em São Luís na década de 1890**. 2007. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo.

SOUSA, Bernardina Santos Araújo de. Os Manuais de Conduta e a Escrita Feminina no Início do Século XX: o que desvelam as narrativas. **Grupo de pesquisa gênero e educação-laboratório de estudos pedagógicos prof. Paulo Freire da Faculdade de Formação de Professores de Belo Jardim**. Disponível em:< <http://www.anped.org.br/reunioes/31ra/1trabalho/GT23-4967-Int.pdf>, v. 13, 2010.

TILLY, Louise. Gênero, história das mulheres e história social. **Cadernos Pagu**, Campinas, n. 3, p. 29-62, 1994.

VIEIRA, Josênia Antunes. A identidade da mulher na modernidade. **DELTA** [online]. 2005, vol.21, n.spe, pp.207-238. ISSN 0102-4450. <http://dx.doi.org/10.1590/S0102-44502005000300012>.